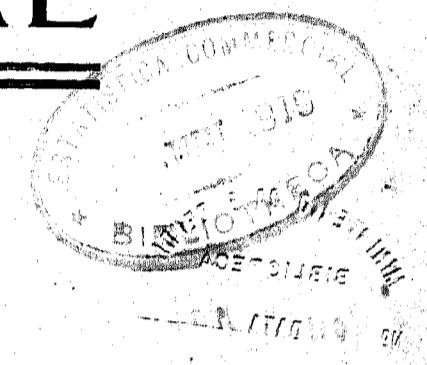


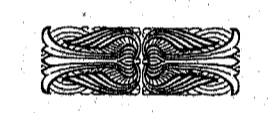
1917

RETROSPECTO
COMMERCIAL



DO

"JORNAL DO COMMERCIO"



380

RIO DE JANEIRO

Typ. do "JORNAL DO COMMERCIO" de Rodrigues & G.

1918

BIBLIOTECA
 1013 DATA 1912 944

INDICE GERAL



	PAGS.
Introdução	3—62
A guerra e suas consequências jurídicas e económicas	62—70
O Governo	70—77
A situação financeira e a elaboração dos orçamentos	77—83
Dívida Pública	82—93
Credito — Bancos — Moeda	83—110
Caixas Economicas Federaes	111—124
Cambio	125—128
A arrecadação da renda da Alfandega	128
Fundos Públicos	127—128
Impostos	128—143
Patentes de Invenção	143
Taxa de saneamento	144
Tratados de convenções	144—145
Actos officiaes	146—150
Exposições	152
Obras publicas	152
Iluminação publica	152—153
Estradas de ferro	153
Estradas de rodagem	153
Obras contra as secas	153
Navigation	163—174
Portos	175
Correios	175—177
Telegraphos	177—180
Commercio Exterior	181—187
Facturas consulares	188
Agricultura	189—209
Café	209—232
Borracha	233—237
Pecuaria e seus productos	237—257
Banha	258
Couros	258
Polles	259
Xarque	259—261
Manguez	261
Artes mananciaes	262—274
Algodão	275
Arroz	275—276
Assucar	276—287
Sal	287—291
Cacão	291
Cera de carnauba	291—292
Farinha de mandioca	292
Felão	293
Frutas de mesa	294
Frutos para oleo	294—299
Fumo	300—304
Erva-matta	305—308
Medicinas	309—313
Cereaes	313—315
Trigo	315—322
Carvão nacional	315—322

Industria,	328-338
As fibras nacionais,	339
A cultura da juta,	340
Colonização e imigração,	341-342
Movimento immigratorio do porto do Rio de Janeiro,	343
O commercio de chapéus,	343
Revista do mercado,	343-368
Estados,	369-397
Jurisprudencia,	397-413

Annexos — Quadros:

Commercio Exterior do Brasil,	1 a 4
Importação de mercadorias para consumo,	5
Commercio do porto de Santos,	6
Especies metalicas e notas de banco estrangeiras,	7
Divida externa,	8
Thesouro Nacional,	9
A renda da União em 1916 e 1917,	10
Relação dos empréstimos externos que têm sido contraídos pelo Brasil,	11
Preços extremos mensaes das apolices geraes de 5 %, do valor nominal de 1:000\$, nos ultimos cinco annos,	12
Preços extremos mensaes das apolices do empréstimo de 1909, juros de 5 %, nos ultimos cinco annos,	13
Preços extremos mensaes das apolices do empréstimo de 1903 do valor nominal de 1:000\$, juros de 5 %, nos ultimos cinco annos,	14
Movimento bancario,	15 a 17
Carteiras dos principaes bancos do Rio de Janeiro, mensalmente, durante o anno de 1917,	18
Curso do cambio sobre as principaes praças estrangeiras, sobre taxa do café, valor official em ouro de \$1000, do agio do ouro, do ouro nacional em vales e da libra esterlina, durante o anno de 1917,	19
Taxas de descontos do Banco de Inglaterra, do Banco de França e da Alemanha — Cotações de títulos brasileiros, da Revista Francaza e dos consolidados inglezes durante o anno de 1914,	20
Merçado de café — 1917,	21
Recapitulação das vendas de café, em Santos, no Rio e nas Bolsas estrangeiras, durante o anno de 1917, em saccos,	22
Preços extremos, por arroba, nos estypos de Nova York, no Rio,	23
Cotações extremas mensaes do café n. 7, disponível, de Santos, no mercado de Nova York, durante os ultimos cinco annos,	24
Cotações extremas mensaes do café n. 7, disponível, do Rio, no mercado de Nova York, durante os ultimos cinco annos,	25
Entradas de café no Rio, em saccos de 60 kilogrammas, nos annos de 1914 a 1917,	26
Embarques mensaes de café no Rio, em saccos de 60 kilogrammas, nos annos de 1916 e 1917, com designação dos destinos,	27
Sahidas de café do Rio, em saccos de 60 kilogrammas, nos annos de 1916-1917,	28
Resumo, em saccos de 60 kilogrammas, dos embarques de café no Rio nos ultimos tres annos, de 1 de Janeiro a 31 de Dezembro,	29
Resumo em saccos de 60 kilogrammas, dos embarques de café no Rio, nas ultimas colheitas, de 1 de Janeiro a 30 de Junho,	30
Movimento do mercado do Rio, durante os ultimos cinco annos (em saccos),	31
Entradas de café em Santos, em saccos de 60 kilos,	32
Sahidas de café, de Santos, em saccos de 60 kilogrammas,	33
Cotações extremas por 10 kilos, em Santos,	34
Movimento geral do café na praça de Santos, durante o anno de 1917,	35 a 36
Movimento das Bolsas de Nova York, Havre, Hamburgo e Londres, durante o anno de 1917,	37
Preços do algodão em rama, por 10 kilos, no Rio de Janeiro, durante o anno de 1917	38
Entradas mensaes no Rio de Janeiro e procedencias do algodão em rama durante o anno de 1917,	39
Preços de assucar por kilo, no mercado do Rio de Janeiro, durante o anno de 1917	40
Entradas de assucar por procedencias, sahidas, existencias no Rio de Janeiro, durante o anno de 1917 e durante o decennio de 1907-1916,	41
Centro Commercial de Cereaes,	42
Productos da lavoura transportados do interior para esta Capital pela Th. Leopoldina Railway Cy. durante o anno de 1917,	43
Productos da lavoura transportados do interior para esta Capital pela Companhia Cantareira e Estrada de Ferro Therezopolis, durante o anno de 1917,	44
Productos nacionaes transportados para esta Capital pela E. F. Central do Brasil, durante o anno de 1917,	45
Quadro demonstrativo do valor, em moeda corrente, dos cereaes e outros productos procedentes do interior e transportados pela E. F. C. do Brasil,	47
Quadro demonstrativo do valor, em moeda corrente, dos cereaes e outros productos procedentes de diversos Estados,	48

Quadro demonstrativo do valor, em moeda corrente, dos cereaes e outros productos, procedentes do interior e transportados para esta Capital pela Leopoldina no anno de 1917, tendo por base os preços da média annual,	49
Quadro demonstrativo do valor, em moeda corrente, dos cereaes e outros productos, procedentes do interior e transportados para esta Capital pela Companhia Cantareira e E. de Ferro Therezopolis, no anno de 1917, tendo por base os preços da média annual,	50
Directoria do Serviço de Povoamento,	51
Importação de fazendas, por volumes, nos annos de 1914 a 1917,	52
Movimento maritimo por bandeiras em todos os portos do Brasil,	53
Relação dos capitales das Sociedades commerciaes e anonymas registradas na Junta Commercial durante o anno de 1917,	54
Rebula do selho arrecadada pela Junta Commercial durante os annos de 1916 e 1917,	54
Movimento maritimo,	55
Balancete do fundo de amortização dos empréstimos internos, papel, do mez de Dezembro de 1917,	56
Alfandega do Rio de Janeiro,	57
Lancamento de companhias na praça do Rio de Janeiro em 1917,	58
Recetta orçada, despeza fixada e divida passiva dos principaes paizes (1912),	59
Caixa de Amortização,	60
Exportação de ouro nativo,	61
Dividendos durante o ultimo anno, segundo os relatorios publicados em 1917,	62

Retrospecto Commercial

1.ª SITUAÇÃO GERAL DA GUERRA

A grande guerra influiu contraditoriamente no campo económico. Se de um lado criou dificuldades, de outro abriu perspectivas novas e proporcionou o desenvolvimento de actividades até então desconhecidas.

A guerra moderna apresenta aspectos económicos totalmente diversos da guerra antiga. Antes, a luta era, por assim dizer, por simples procuração. Os exércitos pelejavam, as marinhas procuravam conquistar o domínio do mar, mas grande parte das populações ficava alheia ao movimento provocado pela guerra. Sofria por meios indirectos, passivamente.

Hoje, a guerra mudou. Já não é feita por procuração; é exercida pelo povo inteiro. Não porque quasi toda a população masculina valida em idade de servir seja chamada às fileiras. Isso ainda seria um mandato recebido pelo maior numero. Mas porque, além dos que entram nas batalhas, ha os que ficam resistindo e organizando os elementos da victoria. Não basta formar os exércitos, é preciso equipal-os, munical-os, armal-os, garantir o seu abastecimento e das populações civis.

Outrora exércitos e povos em guerra viviam do material accumulado na paz. O belligerante que esgotava em primeiro lugar esse stock tinha de se declarar vespido.

Agora, a situação é diversa. Os exércitos são enormes, são grandes que não podem ser alimentados pela região em que operam, são grandes que precisam do trabalho da população civil para serem alimentados e municalos. Para isso, é necessario não se ir buscar longe o que falta, como apparelar a paz para a produção.

Assim, a guerra não é só destruição, é também criação. Os povos modernos não podem sustentar meses de guerra se não transformarem as suas industrias e não continuarem ou não adaptarem a sua agricultura e o seu commercio.

O numero de produtores diminue, em consequencia da mobilização dos homens, e assim o numero de consumidores augmenta, porque camponeses e operarios, que estavam habituados a uma vida sobria, são alimentados e vestidos pelo Estado, com outra abundancia e outro conforto.

Grande parte da riqueza é consumida. Homens e munições desaparecem, destruindo capitais. Mas ao mesmo tempo novos aparelhamentos se espalham e a organização social se aperfeiçoa. Assim, se muitas industrias uteis suspendem seus trabalhos, se muita produção se estanca, se muitas riquezas são aniquiladas, usinas e campos se transformam, para servir a empolgante preocupação militar. Ora, a organização com o objectivo de apparelar os exércitos e as armadas de melhores elementos de victoria cria no pais novas riquezas, porque prepara as fabricas, as usinas e os campos que depois da paz poderão continuar a produzir — mas no sentido que a ordem industrial indicar.

Isso demonstra que o aniquillamento das fontes de produção não é hoje completo como outrora e que, ao contrario, as necessidades militares espalham novas actividades que não mais cessarão em tempo de paz.

A guerra actual divide o mundo em dois campos. Num dominam os Aliados, no outro os Imperios Centraes. Do primeiro participam todas as nações livres e neutras, a America, a Australia, a Africa do Sul. Do segundo, só compartilham complices e povos limitrophes. Pode-se di-

zer que estes estão mais ou menos sitiado por aquelles.

O bloqueio á distancia mantido pela Inglaterra creou grandes difficuldades á Alemanha. A vida economica nos Imperios Centraes está dirigida, fiscalizada pelo Estado, que avocou quasi todas as funcções.

Nos povos alliados, a intervenção official é menor. Menor em relação á Alemanha. Em relação ao estado anterior á guerra é cada vez maior.

Cada vez maior porque a necessidade do super-intender e distribuir os generos de alimentação e outras utilidades obriga ao Estado a uma funcção de direcção que vai se extendendo á proporção que a guerra se prolonga.

O Estado tornou-se por toda a parte o maior consumidor, mesmo na Inglaterra e nos Estados Unidos. Preciza de utilidades para os seus exercitos e para dividir não bem pela população civil de modo a não arrebentar motivos de protesto num ou noutro recanto. Dahi a avocação pelo Estado de grande parte de attribuições que em tempos normaes são muito mais uteis nas mãos da iniciativa privada.

Vio-se por toda a parte os Governos com attributos de monopólios economicos e de direcção suprema de negocios commerciaes.

Nos Imperios Centraes, essa acção é cada vez mais forte. Mas nos proprios povos liberaes da Europa e no proprio Estados Unidos é decisiva e importante.

Assim os Governos avocam a distribuição, o commercio, a limitação do consumo dos principais generos de alimentação, a superintendencia das fabricas que directa ou indirectamente contribuem para as industrias militares, assumem a direcção de todos os meios de transporte, prohibem a exportação do ouro, salvo licenças especiaes, determinam a quantidade a importar e a exportar de alguns artigos e prohibem tanto a importação como a exportação de outros, regulam a navegação de accordo com as necessidades que verificam e estudam.

É uma feição nova da guerra. Porque fazendo tudo isso, avocando serviços, os Estados tratam de estimular a produção e de garantir o cambio internacional, de desenvolver o aparelhamento tecnico de seus paizes e de preparar o renascimento economico para depois da paz.

2. CONSEQUENCIAS ECONOMICAS

A guerra apparece aos economistas como uma grande destruição de riquezas. A mobilização augmenta o numero de consumidores e diminue o de productores.

Ao demais, a industria concentra seus esforços na produção de artefactos que não se reproduzem: fabrica as munições que desaparecem no campo de batalha.

Pelos impostos, pelos empréstimos, os Estados desappropriam os cidadãos que ainda trabalham e produzem, e canalizam tanto suas economias como seus productos para a linha da

frente, onde se consome tudo e nada se produz.

Nada se produz immediatamente. O producto da guerra é a victoria e quem vence obtém resultados de ordem economica, politica e social. Mirabeau disse que a guerra era a industria nacional da Prussia; foi, de facto, nas linhas de fogo que o Reino dos Hohenzollern progrediu, cresceu e dominou na Alemanha e com a Alemanha quiz dominar o mundo.

Desappropriando pelos impostos e pelos empréstimos, os Estados compram de facto a alguns, mas é preciso não esquecer, que a maior parte da população activa apenas recebe dos Governos o que necessita e que a circulação da riqueza se limita, portanto, a um pequeno grupo que vive da guerra.

O fabricante do producto de paz, que vende o seu artefacto, beneficia duplamente e beneficia aos outros; o producto desdobra-se em outros valores e vai facilitar outras produções. Na guerra, todos os artefactos bellicos, todos os productos destinados ás tropas são consumidos e desaparecem no campo de batalha. O paz que vence ou obtém conquista ainda recebe recompensa relativa; o outro destrõe apenas riqueza.

Mas a duração da guerra actual mudou muitas dessas concepções. A vonta concepção era a concepção de Homero. Homero descrevendo o escudo de Achilles conta que em frisos magnificamente esculpidos havia imagens da guerra e da paz. A paz era representada pelo trabalho e pela criação: lavradores semeando ou colhendo, carros transportando mercadorias, gado em pastoreio, comícios, reuniões de réis; a guerra era representada pela destruição e pela morte: homens em luta, mortos e feridos pelo chão, campos devastados, cidades abandonadas, industrias esquecidas. Era dantes assim. Hoje, com a duração e intensidade da guerra, não pôde ser mais assim.

Os povos precisam organizar a sua vida economica, aperfeiçoar sua produção, seu systema de distribuição para sustentar a campanha no mar e em terra.

Por isso, os estadistas e os criticos procuram explicar os motivos e as vantagens de sua duração.

O Sr. von Helfferich, quando era Ministro das Finanças do Imperio Allemão, afirmou, num discurso, que o bloqueio era um presente do céo: só assim a Alemanha, graças ao seu genio inventivo, poderia methodizar o seu proprio abastecimento e accumular stocks para a sua proxima expansão commercial.

As industrias, que o bloqueio isolou do mundo, não cessaram de trabalhar; vão produzindo e guardando, mas como vão equilibrando o seu orçamento, vendendo no interior e usufruindo das vantagens da situação anormal, quando a guerra terminar, não tendo deficits, estarão em condições de oferecer ao estrangeiro os seus artigos a um preço tal que afastará toda a concorrência. Assim, no entender do Sr. von

3. AS DOCTRINAS DOMINANTES

Helfferich, o commercio allemão tomará novo desenvolvimento depois da guerra. Dahi o stock. Mas ultimamente essa produção cessou.

Os estadistas inglezes e francezes procuram tambem mostrar aos seus compatriotas as conveniencias economicas do estado de guerra.

O Sr. Lloyd George, quando era ainda Ministro das Finanças, creou uma doutrina que fez successo e vai sendo repetida na Inglaterra, na França e nos Estados Unidos. Essa doutrina sustenta que em tempo de guerra as economias do paz são mais consideraveis do que em tempo de paz, porque os capitães enormes, despendidos pelos Estados, se traduzem em proveito para os particulares.

Por que esse phenomeno é benéfico? Porque o Estado passa a ser o cliente universal. Emquanto na linha da frente milhões de homens combatem, o Estado abre empréstimos sobre empréstimos; esse capital adiantado pelos particulares, numa época em que todos os preços se exaltam, em que uma determinada quantia vale realmente menos em relação ao seu valor nominal é dado em momento em que a abundancia da circulação desvaloriza o numerario. Depois, vem a normalização e o capitalista recebe juros altos, o operario ganha, obtendo salarios extraordinarios e podendo tambem subscrever empréstimos e assim garantindo rapidamente um pequeno peculo.

Toda a vida economica toma novo impulso, porque as encomendas do Estado são tão grandes que não há trabalho que as satisfaça.

Sr George Paish, desenvolvendo essas idéas, mostrou, na *Royal Statistical Society*, os margens da guerra. A renda total annual dos particulares na Inglaterra, que, antes da conflagração, era de 2.400 milhões de libras esterlinas, era em 1916 de 3.000 milhões de libras.

Na realidade, as despesas do Estado não são reproductivas; vehiculam riquezas que se destruem.

Cada tiro de canhão, dizem os entusiastas da guerra, faz o paz ganhar pelo menos 5.000 francos? Ganhar como? Porque dá lucro às fabricas. Mas si as fabricas em vez de material bellico produzissem material de paz, esse material não seria aniquilado, iria reproduzindo riquezas, desdobrando capital e trabalho.

O que se pôde dizer, entretanto, é que as nações se adaptam perfeitamente ao estado de guerra. O Estado absorve as economias seculares, activa com esse capital a produção que canaliza e dirige e assim consegue dar impulso novo a muitas industrias. Ha destruição de riquezas, mas ha criações novas; a actividade geral se multiplica de tal forma que, se uma grande victoria coroar os esforços, um determinado paz, se sentirá aparelhado para aproveitar-se della.

A mobilização de capital se converte em aparelhamento; mas ha destruição da produção. A guerra indefinida produziria a miséria, se a proporção da produção bellica não correspondesse á da produção industrial e burocratica.

Os pensadores já, porém, interpretam os phenomenos da guerra por outra forma e sob outro ponto de vista. Tres annos antes da conflagração, o Sr. Norman Argyle quiz provar que a guerra seria impossivel: a communhão dos interesses a evitaria e o enlucamento das industrias a tornaria impraticavel. Os factos demonstraram o contrario e os publicistas começaram então a exagerar pontos de vista diversos. Para o Sr. Alfred de Tarde, por exemplo, a guerra não será um elemento de destruição. Em primeiro lugar, a politica é uma arte de preparações e tudo indica que ella vai preparando o futuro, organizando as forças productivas e robustecendo o credito publico. Depois, conven não confundir a riqueza accumulada com a riqueza reproductiva, com a capacidade de produção. Se a guerra destrõe como de facto destrõe a riqueza accumulada, obriga a novos aparelhamentos de produção e collica, portanto, o paz num estado mais capaz de usar utilidades e valores. A guerra será assim um benéfico, porque, se destrõe riquezas accumuladas que venciam juro insignificante, vai creando novas capacidades de produção e augmentando, portanto, a vitalidade do paz.

Os Alliados dispõem de maiores disponibilidades do que os Imperios centraes; de modo que a sua victoria depende exclusivamente de seu desejo de resistencia.

A continuação da guerra ocasionará, todavia, transformações economicas. O Estado ficará cada vez mais poderoso e os impostos crescentes tornarão os ricos menos fortes. Em compensação, apesar da carestia das utilidades e da desvalorização do meio circulante, os operarios ganharão cada vez mais, não só pelo augmento dos serviços como pela diminuição dos homens.

Assim, o Estado e os operarios mais poderosos serão, portanto, vehiculos de maior democratização de todos os paizes do mundo.

Em tempo de guerra, o Estado vive do credito. A capacidade financeira dos povos suportará indefinidamente as formidaveis despesas. O Estado emite *bonds*, títulos, letras, papel-moeda; emite depois outros empréstimos e recolhe aquelles valores, paga com elles os fornecedores que ficam com fundos disponiveis e que por sua vez empregam no novo empréstimo do Governo. É um processo indefinido, mas que depois de alguns annos pôde arrebentar pelo augmento desproporcional da dívida do Estado. O credito do Estado tem tambem um limite, mesmo em tempo de guerra. Depois da guerra, no periodo de liquidação, é que as difficuldades começam. Chegará então o periodo critico para os Ministros das Finanças. Mas o paz já se encontrará então com um aparelhamento melhor. Ora, é a capacidade de produção que é força. Augmentada essa capacidade, o paz recomeçará a vida economica com outros elementos.

O Sr. Wells ridiculariza os utopistas à maneira do Sr. Norman Asgel. Lamenta que as necessidades da salvação da civilização tenham feito a *Kakerificação* da Inglaterra. Mas a guerra, no seu entender, trouxe benefícios. A Inglaterra está em fusão: era um rochedo e está agora viva como nunca. A Inglaterra era um palz *gordo*; está perdendo a gordura na lucta. «Não, diz textualmente, nós sustentamos esta guerra com as nossas economias, com a nossa gordura social. Toda a communhão empobrece, mas, á proporção que os ricos se tornam mais fracos, os pobres ficam mais abastados. Destróe-se muita riqueza, mas muita riqueza é usada e redistribuída.»

A Inglaterra sahirá da guerra mais magra, mais experimentada e mais democratica. Romperá com seus hábitos de accluescencia e de liberdade catolica.

Sua imaginação será excitada á actividade. E o mesmo acontecerá ás outras communhões europeas.

O Sr. Wells pensa que o exercicio violento da guerra emagrecerá a Inglaterra que estava engordando com relativa intensidade. Mais apta ao exercicio, menos gorda e, portanto, rejuvenescida, estará, depois da guerra, em outras condições de saúde, de actividade e de aparelhamento para crear nova riqueza.

O Sr. Ivo Guyot diz que a Alemanha desencadeou a guerra porque suppoz que ella seria um bom negocio.

O economista allemão Roscher procurou demonstrar que os creditos de guerra enriquecem os paizes em que se realizam quando não ultrapassam as suas faculdades contributivas.

O Sr. Charles Gide, o grande economista conhecido no Brasil, pensa que, se abastecendo no interior, reduzindo a importação e o consumo individual, as principais potencias europeas poderiam se conservar indefinidamente em estado de guerra.

O Sr. Jean Labadie reconhece que a guerra é uma destruição de riqueza. Mas é preciso tambem não esquecer, acrescenta, que a energia economica vale pelo gráo de *destrutibilidade* e esta quer tanto a riqueza — *gozo* — como riqueza — *força*.

Ora, na sociedade moderna, a primeira vale menos do que a segunda. Tanto que os homens ricos trabalham para obter poder social, politico ou commercial. O simples *gozo* não é um signal de força. A guerra se destróe e impede as riquezas — *gozo*, augmenta a capacidade das riquezas — *força*, das riquezas poder, porque faz crescer o aparelhamento do paz. O que é preciso, entretanto, é a organização defensiva; a generalização do Governo que deve governar para manter o equilibrio. E' preciso nacionalizar a energia economica.

O Sr. Jean Labadie vai até á suggestão de grandes emissões de papel-moeda, pois, assim, a circulação nacional augmentaria e compensaria

a alta dos preços. Finalmente, recorda que a época dos assignados foi de glórias para a França.

Os Governos não poderiam attender a esses utopistas. Agiram do accordo com as leis economicas e as circunstancias.

4º RESULTADOS COMMERCIAES

As novas concepções impostas pela guerra não modificaram as leis economicas. Mas aproveitaram os phenomenos naturaes de outra maneira.

Da guerra, resultou para uns *beneficio* e para outros, a relativa deficiência de transporte. Passaram, assim, todos a completar a sua produção, a importar o *commodore*, garantir o proprio cambio pela exportação.

Mas as circunstancias especiaes dos paizes belligerantes crearam necessidades contradictorias, mostrando, portanto, que esse proteccionismo intrasigente que redundava numa especie de mercantilismo não é filho senão da oportunidade e da occasião. Assim, ao mesmo tempo que prohibem a exportação de metais, de productos necessarios, ao mesmo tempo que restringem ao minimo a importação, esses paizes tratam de abrir emprestimos por todos os recantos das terras não inimigas afim de que em cada sitio tenham recursos para occorrer ás despesas e compra, sem deslocamento de numerario ou desequilibrio de contas. Porque?

Porque é preciso, antes de tudo, não depreciar a moeda nacional, não avistar o cambio.

Essa restricção de importação é severa e muito relativa. Os Governos que estendem as suas attribuições, provocando protestos da Camera de Commercio, aquambaram a produção e a circulação dos artigos, mobilizando industrias, requisitando colheitas e assumindo a direcção da distribuição. Mas como a tonelagem maritima está na sua maior parte entregue aos servicos militares, cumpre reduzir ao essencial o transporte de outros generos.

Apesar disso, a importação de munições da guerra e de boca augmentou extraordinariamente o volume do commercio importador dos paizes aliados da Europa, que dominam os mares e fez nascer na America, na Australasia, no Oriente novas correntes commerciaes.

Os Estados Unidos, que paz ainda devorou, passou em dois annos a paz *credor*; a sua exportação subiu e as potencias europeas, para não repetir a remessa de ouro, tiveram de abrir emprestimos successivos nas praias norte-americanas.

As potencias em guerra pensaram em 1915 e 1916 em grandes alianças economicas que prolongassem pelos annos a obra, depois da conclusão da paz, a rivalidade de hoje. Os Aliados projectaram consorcios formidaveis, ligas economicas, que dominassem e submettessem o imperialismo alieno de que a expansão commer-

cial era uma occupação prévia e calculada. Os imperios Centraes sonharam com a formação de uma grande federação no centro da Europa, a «Mittel-Europa», do livro celebre de Naumann.

No correr do anno de 1917, essas idéas foram perdendo o seu vigor e a sua propria oportunidade. A defeccão da Russia desloco todos os valores e os Allemães comprehendem que a «Mittel-Europa» com a hostilidade do resto do mundo não teria elementos de riqueza e progresso.

Os Aliados querem uma reforma economica e social; sabem que o tratado de Francfort em primeiro lugar e o tratado de commercio com a Russia depois, foram a base da expansão commercial allemã; não podem, portanto, admitir que na Europa renovada de amanhã surja outro regimen favoravel aos violadores de direito publico internacional.

As idéas do anno de 1917 se encaminham para uma especie de proteccionismo selectivo: depois da guerra, cada paz tratará de comparar a sua produção a seu commercio e irá graduando os seus favores, dos aliados aos neutros benevolentes.

A paz trará uma grande resurreição de trabalho. Apesar da formidavel destruição de riqueza, os povos principais conservaram energia e capitães que se converterão numa grande actividade de reparações e progresso.

A obra da guerra deixará, porém, lacunas enormes a preencher. Para reconstituir os seus rebanhos, os povos hoje belligerantes importarão carne; para reconstituir cidades e industrias, precisarão de minerais, de madeiras, de outras materias primas e como empregarão grande parte de seus trabalhadores nesses trabalhos carecerão de um modo excepcional de subsistencias.

Os paizes que como o Brasil, mesmo tomando parte relativamente activa na guerra, não desfalcaram o seu capital humano nem terão de reconstituir cidades, industrias e campos, terão assim largas possibilidades a aproveitar. E' um dever de honra fornecer neste momento materias primas e artigos de alimentação aos Aliados. E' o que proclamou o Presidente Wilson. E' o que disse, no seu appello aos Brasileiros, o Presidente Wenceslão Braz.

Collaboramos na guerra não só co-operando na acção naval e aerea, como tambem facultando aos Aliados os elementos que lhes faltam para a continuacão da lucta e para as reparações das perdas.

Os Estados Unidos puzeram todo o seu aparelhamento economico ao serviço da grande causa. Restringio o consumo interno, não porque lhes escassassem os generos essenciaes, mas porque preferiam enviar aos Aliados da Europa o que não é strictamente indispensavel aos Norte-Americanos. Assim este periodo de luta, de provações e de sacrificios abriu em todos os campos, novas perspectivas á humanidade.

A lavoura, a industria, o commercio soffrem nos paizes da Europa e mesmo nos Estados Unidos o *controlé* do Estado, mas sentem que se vai formar um novo mundo de actividade livre. No Brasil, as condições sociais e politicas crearam uma situação especial e singular.

5º — ALLIANÇAS ECONOMICAS, PROJECTOS E ILLUSOES

A situação creada pela guerra foi suggerindo uma porção de projectos. As operações militares e os acontecimentos politicos fizeram acreditar ainda em 1916 que o mundo ficaria depois da guerra dividido em dois campos opostos e hostis.

Os successos politicos e militares de 1917 mudaram essas concepções. Não se fallou mais em Mittel Europa ou na liga economica dos Aliados. Mas nem por isso deixaram os Governos belligerantes de tratar a serio das futuras condições commerciaes. A opinião dominante em todos os paizes em guerra é que o preço estabelecido, depois da paz, um regimen de protecção gradual amparando progressivamente os productos dos neutros benevolentes, dos Aliados e dos nacionaes. Assim, apesar de não haver mais a preoccupação de *boycottage* que só venceu em 1915 e 1916, todos reconhecem agora a necessidade de uma organização defensiva para impedir que o inimigo obtenha exito nas suas campanhas economicas e commerciaes.

O ideal de uma sociedade das nações não agitou somente os meios socialistas; foi abraçado pelos chefes dos grandes paizes da Europa e da America. O Sr. Lloyd George tomou a iniciativa dessa adhesão historica; depois o Sr. Wilson, Presidente dos Estados Unidos, alludiu com entusiasmo a esse ideal nas suas mensagens e finalmente o Sr. Clemenceau em França e Orlando na Italia fizeram referencias alinceras á necessidade da reorganização do mundo sobre bases de justiça e de igualdade. Os proprios representantes dos dirigentes da Alemanha e da Austria tiveram de affectar applauso a esse movimento libertador e tanto o Sr. Von Hertling Chanceller allemão, como o Sr. Von Czernin, Ministro do Exterior da Austria-Hungria fallaram com falsa sympathia de uma sociedade das nações.

A guerra deixará, porém, odios, reivindicações, e por isso tudo indica que com a paz não virá uma grande remodelação nas relações entre os povos. Não se dissipará, entretanto, os laços de sympathia, não se dissipará a cooperação entre os paizes que lutam agora pela mesma causa santa.

Mas os pontos de vista nacionaes não desaparecerão, mesmo porque a guerra vai se desenrolando em nome de principios de nacionalidade, quer de dominio, quer de defesa.

Por isso, é de suppor, é certo que depois da paz, todos os povos tratam de sua reconstituição

política, económica, social e financeira. Das novas correntes commerciaes, estabelecidas pela guerra, desaparecerão umas, outras se tornão ainda mais intensas.

De modo que, em plena peleja, todos os povos tratam de garantir a futura expansão commerciaes.

A Inglaterra reformou o seu serviço consular, a sua instrução primaria e profissional; os Estados Unidos criaram novos processos e institutos de ensino tecnico; a França fundou escolas de commercio e de exportação; todos os belligerantes nomearam comissões de inquerito e as respectivas Camaras de Commercio estudam o melhor processo de desenvolver a produção e as transacções commerciaes.

Ha assim por toda a parte a tendencia para accentuar ainda mais a consciante direcção dos negocios e os Governos auxiliam e cooperam com as Camaras de Commercio e outras associações de classe.

O Governo Ingles nomea para todas as comissões membros das Camaras de Commercio e o Presidente Wilson creou um comité de defesa nacional, composto de altas personalidades de todas as classes activas e que sem a menor remuneração tem auxiliado effizientemente o Executivo na organização da guerra.

O estado de guerra trouxe para o commercio embarços grandes, mas estimulou e revigorou muitas classes de produção. As difficuldades de transporte, a alta do frete e do combustivel, a elevação das taxas de seguros, a falta de braços em muitas regiões do mundo, as medidas de restricção criaram uma situação especial, mas em compensação o augmento de consumidores e a diminuição de produtores, as compras extraordinarias que os Governos em guerra foram obrigados a realizar para garantir os mercados internos e o abastecimento dos exercitos, para fabrico de munições e material de guerra, formaram novas correntes commerciaes que vão aproveitando a diversos países e provocando por toda a parte novas fontes de ouro.

Fortalecer o aparelhamento tecnico e financeiro — para obter estabilidade economica e augmentar a produção e a riqueza — tal é o ideal que, expresso em fórmulas diferentes, dirige a acção de todos os povos neste momento, apesar de toda a empolgante actividade da guerra. Mesmo requisitando tudo, regularizando tudo, os Governos estão pensando na reorganização para depois da guerra.

O Brasil não pôde ficar alheio a esse movimento, que representa uma mentalidade nova. A guerra não nos atingirá de modo a desequilibrar e desatranjar todo o nosso aparelho social nem fará desfalques formidaveis na nossa população valida.

De forma que do estado de belligerancia podemos aproveitar todas as vantagens, se recebendo os prejuizos mais decorrentes da situação geral do mundo de que das nossas condições especiaes.

A formação de novas correntes commerciaes, que se accentuaram particularmente no anno de 1917, apresentou possibilidades não percebidas ha dois ou tres annos atraz e abriu grandes perspectivas que o trabalho anonymo do brasileiro vai aproveitando, que o alto tino do commercio soube desenvolver e canalizar e que os poderes publicos começam a estimular e a proteger.

6º — AS MEDIDAS DE RESTRICÇÃO E SEUS INTUITOS

A guerra determinou, naturalmente, medidas de prudencia e preservação. Se por um lado, os Governos assumiam a direcção dos negocios commerciaes, por outro procuravam aproveitar a praça dos navios, os meios de transporte, a actividade nacional para tudo que fosse essencialmente indispensavel para vencer. Vio-se, assim, em países como a Inglaterra e os Estados Unidos, onde a escola liberal sempre mais ou menos predominou, o Governo avocar a administração de todas as estradas de ferro, fixar o preço das mercadorias e requisitar quasi a totalidade da tonelagem maritima. Apesar de todos os protestos das Camaras de Commercio que viram sempre como um attentado essas medidas, a acção do Estado foi se ampliando e chegou a procurar regularizar o consumo particular de cada individuo. Os países neutros da Europa tiveram de fazer o mesmo. O regimen de rações foi se implantando por toda a parte e percebendo a força das leis e daes os Governos reconheceram que era mais facil e possivel regularizar a quantidade do consumo do que fixar peremptoriamente os preços.

Os estadistas dos países belligerantes comprehendem que era preciso estimular a produção nacional e importar somente o indispensavel, que já era muito, para desequilibrar o menos possivel o mercado do cambio. Assim foram restringindo a importação, além de importar somente o essencial. Assim, limitaram também a exportação, afim de não mandar para fóra o que fazia falta ao país.

A Inglaterra, tendo de consentir mais carvão e de fornecer aos Aliados, restringiu a sua exportação. Os proprios Estados Unidos decretaram a limitação do consumo de artigos de alimentação e construção para que haja excesso sufficiente para enviar para os Aliados.

E' a collaboração economica, que o Presidente Wilson, numa proclamação, considerou tão importante como a cooperação militar.

Nos países que já tinham uma organização definida, antes da guerra, a restricção do commercio appareceu como uma medida provisoria, mas necessaria. O exemplo europeu e norteamericano teve logq imitadores nos países novos; a Argentina prohibiu no principio do anno a exportação do trigo e de outros cereaes, porque suppoz a safra insufficiente para o consumo interno, depois entrou em accordo com os Aliados e o Brasil para o fornecimento gradual

e proporcional das sobras e, finalmente, em novos convenios, estabeleceu vendas em quantidades maior e supprimo as restricções para o nosso país.

No Brasil, houve tentativa de imitação dessa prohibição commercial que não tem razão de ser entre nós. O Governo riograndense prohibio a exportação do feijão, mesmo para outros estados; a produção continuou; os prejudicados protestaram e encontraram apoio no Supremo Tribunal, que considerou inconstitucional semelhante medida. Quando a absurda prohibição foi revogada, parte dos cereaes retidos estava bichado e o prejuizo fóra enorme.

Em S. Paulo e no Rio, discutio-se também a prohibição, mas, para o extrangeiro. O Secretario da Agricultura de S. Paulo chegou a suggerir essa idéa, mas os protestos foram, felizmente, oportunos e o projecto foi abandonado. Não se pensa mais nisso.

Ao contrario, ao decretar o estado de guerra, imposto pelos actos da Alemanha, o Sr. Wenceslão Braz, Presidente da Republica, apellou para o país, pedindo a intensificação dos campos, não só para auxiliar os nossos aliados como também para baratear a vida no interior. O Sr. Antonio Carlos, dias depois de tomar posse da pasta da Fazenda, num discurso memoravel, na Sociedade Nacional de Agricultura, frisou com razão que o problema do abastecimento e da riqueza no Brasil só poderia ser resolvido pelo augmento da produção, para exportar indefinidamente e melhorar as condições no país.

Na Europa, a restricção tem razão de ser. Diminuiu o numero de produtores. O consumo augmentou, porque o mesmo homem como soldado consome mais do que como camponez. A produção do país é regular e não pôde duplicar, multiplicar em poucos mezes. As difficuldades crescentes de transporte, fazendo recetar uma interrupção, obrigam a medidas preventivas, para conservação de grandes stocks.

No Brasil, não se dá nada disso. Temos todas as possibilidades favoraveis para amplos augmentos de produção. Podemos estender e intensificar indefinidamente as plantações e a criação de gado.

O agricultor, tendo preços remuneradores, facilidade de transporte, multiplica rapidamente a sua produção. De uma safra para outra, obtém-se desdobramentos imprevistos, que não são possíveis na agricultura dos velhos países.

Em pouco mais de dois annos, triplicamos a produção do arroz, do feijão, do milho e da batata. Tudo indica, entretanto, que a safra proxima seja o dobro da passada.

Assim, no Brasil, quaesquer que sejam as condições do mercado no sentido da alta e da procura, não convém restringir o consumo, porque essa limitação influiria desfavoravelmente na produção. O que convém é justamente dar liberdade a todos os empreendimentos agricolas e commerciaes, estimular, canalizar, prote-

ger a produção, facilitar, amparar, realzar o seu escoamento rapido.

O alto preço funciona assim como um premio. A cotação elevada faz com que o produtor augmente a produção para ganhar mais e assim a abundancia acabará contribuindo para a baixa relativa, compensando o agricultor que terá outro aparelhamento e lucrará pela ampliação da cultura e da criação.

7º — A SITUAÇÃO ECONOMICA E FINANCIARIA EM 1913 E 1914

A prosperidade do país de 1910 a 1912 foi interrompida pela crise economica e financeira de 1913. Os governos federaes, estaduais e municipais vinham empreendendo grandes obras, aproveitando-se dos capitales que Francezes, Ingleses e Belgas nos forneciam com confiança. O saldo das nossas trocas commerciaes não chegava para o encontro de contas regulares, mas a nemessa do capital estrangeiro tudo compensava e amenava.

Em 1913, porém, o capital na Europa se retrahiu, ao mesmo tempo que os nossos principais artigos de exportação se depreciavam. Assim, faltou, de um momento para outro, o capital circulante necessario para mover o aparelhamento economico que o país vinha desenvolvendo. A exportação minguiu em valor e a importação soffreu ainda os influxos das grandes encomendas que se faziam no tempo dos altos saques sobre o futuro. Houve assim deficit no commercio exterior. O desequilibrio foi profundo e em 1914 a importação decresceu vertiginosamente.

O nosso regimen tributario repouza nos impostos de exportação para os Estados e nos de importação para a União. Assim, a depreciação dos principais artigos de exportação reduziu a receita dos Estados que, na sua quasi totalidade, ficaram com os orçamentos em deficit, sem possibilidade de apello para o credito estrangeiro, e a restricção da importação fez baixar a renda das alfândegas e assim diminuir os recursos da União que teve de recorrer a novo *fundings* e a emissões de papel-moeda para não desorganizar os serviços a seu cargo.

Sob o ponto de vista geral, a crise economica e financeira de 1913-1914 teve factores diversos. Convém recordal-os, partindo dos mais geraes para os mais particulares, dos mundiaes para os brasileiros.

1º — Retrahimento de capitales na Europa e exigência de liquidação de contas;

2º — Suspensão das operações de credito em beneficio do Brasil;

3º — Transformação dos empréstimos externos e internos e dos saldos da lavoura em riqueza fixa;

4º — Queda dos preços dos nossos principais productos de exportação;

5º — Os aparelhos e operações consequentes aos ultimos empreendimentos da União e dos Estados;

6.ª Caução de apolices e contas nos Bancos e adiantamento aos fazendeiros, calculadas as safras num valor maior do que elles produziam...

Os empréstimos, os adiantamentos e a caução de apolices, as contas descontadas — tudo feito na perspectiva do café a 8\$ e a 3\$ e de novos empréstimos, precipitaram a crise, quando os preços baixaram a 5\$ e 6\$ e quando o numerário em circulação da Caixa de Conversão ficou reduzido e as rendas extraordinaria e ordinaria da União, dos Estados e dos Municipios decreceram.

O Governo da União contractára construcções de estrada de ferro e fazia pagamentos em apolices. Sem calculo, lançava as apolices a torto e a direito.

Os empreiteiros collocaram, a principio, essas apolices aqui e no extrangeiro. Depois, o nosso mercado, saturado, repello-as e no extrangeiro ninguém as quiz aceitar pelas circumstancias anormaes de guerra. A União começou então a pagar os empreiteiros em especie: o Thesouro não pôde manter esses pagamentos adma de suas forças e teve de os suspender, mas tudo ficou desequilibrado e faltou dinheiro para as proprias despesas ordinarias.

A crise economica, agravada pela crise financeira, produziu a crise commercial. A União, maior industrial, não pagando contas, perturbou todo o movimento commercial.

Os Bancos perderam a elasticidade nos negocios, porque estavam saturados de apolices caucionadas e contas descontadas. A suspensão da remessa de ouro, a baixa da exportação, o decrescimento das rendas publicas, a falta de pagamento de parte dos Governos, a recusa natural dos estabelecimentos bancarios em aceitar novos negocios provocaram a crise. A capacidade acquisitiva do consumidor baixou. A industria soffreu; o commercio teve grande abalo.

Só o milagre da honestidade proverbial e da solidariedade honrada do nosso commercio impedio que as fallencias occasionassem uma derrocada formidavel.

Assim, no encadramento de causas, naturaes e imacetaes umas, filhas da prodigalidade, da imprevidencia e da bohemia politica outras, a crise se avolumou. Consumimos, afinal, tudo que produzimos e pedimos emprestado. A União, os Estados, os Municipios, as empresas, os particulares applicaram o capital obtido na Europa e o saldo da exportação em obras que immobilisaram as riquezas. Immobilisamos então mais do que podiamos.

A rapida fixidez da riqueza é um caracteristico dos paizes novos que prezam e devem andar depressa.

Ella provoca naturalmente, de quando em quando, crises de crescimento inevitaveis. Mas a crise de 1913-1914 foi mais forte do que o proprio desenvolvimento do paiz permitia.

porque englobou causas de diversas naturezas. Os Governos, ao envez de alliviar a crise economica, agravaram então a situação. E' preciso frisar que não foi só o Governo da União, Foram tambem os dos Estados e dos Municipios.

As crises, que Stanley Jevons demonstrou serem naturalmente periodicas, proporcionam ensinamentos para evitar males maiores. A nossa grande crise de 1913-1914, que não teve, com a guerra, senão a solução de suspensão dos capitães europeus, o que acabaria por acontecer, foi, porém, modificada na sua ultima phase de evolução, pelos effeitos geraes e particulares da conflagração europea.

A reparação das forças tomou assim outro aspecto e outra direcção de papel, o desenvolvimento da nossa produção e dos negocios partio das consequencias produzidas tanto pela guerra formidavel como pela crise que se foi conjurando.

8.ª — A REPERCUSSÃO DA GUERRA NO CURSO DO ESFORÇO DE REPARAÇÃO

O Governo do Sr. Wenceslão Braz teve de arcar com grandes difficuldades. Tudo estava desequilibrado no aparelho financeiro. A diminuição da receita e a queda do cambio haviam obrigado a administração anterior a um novo *funding* e os titulos brasileiros baixavam nas bolsas europeas. A presidencia anterior saára de mais sobre o futuro e a consensualidade dos dirigentes aumentara as despesas desproporcionalmente ás receitas publicas.

O Sr. Wenceslão Braz, com modestia e perseverança, tratou de tudo normalizar. Tive de recorrer a novas emissões de papel, mas reduzi as despesas ao stictamente necessario e enaminhou as cousas de modo a poder restabelecer o serviço da divida externa quando terminasse o prazo do *funding-loan*.

Assim a actual presidencia realizou uma grande e util obra de reparação. O Sr. Wenceslão Braz encontrou um tal volume de compromissos que a sua totalidade seria de difficil avaliação — tão grande foi a leviandade da distribuição. S. Ex. teve de mandar rever todos os contratos, afim de alliviar as responsabilidades do Thesouro e a obra em conjunto foi util. Nues casos, a novação dos contratos bastou para reduzir encargos; noutros foi necessaria a rescisão, sujeitando-se o Governo a grandes indemnizações para não continuar a pagar serviços de divida ou obras que não correspondiam ás condições financeiras do paiz. Foi methodica e sagaz a acção do Executivo, que assim conseguiu desonerar o paiz de encargos no valor de 500:000\$000.

Mas para solver os compromissos antigos, anteriores ao actual quadriennio, o Congresso autorizou o Governo a emitir papel-moeda e apolices. Afim de normalizar a situação do Thesouro, o Governo usou assim de amplos recur-

sos extraordinarios e teve de emitir papel como nenhuma outra administração brasileira. Mas foi para reparar os erros dos outros que o Governo teve de assim proceder. A crise commercial fora provocada pela immobilização dos capitães. Era preciso dar vida, fazer circular a riqueza, fazer renascer a actividade. A emissão impoz-se então, como o unico expediente cabivel. Em prestando aos bancos parte das notas emitidas, pagando aos fornecedores em atraso com *bonus*, o Governo conseguiu que as carteiras dos estabelecimentos de credito se descongestionassem e que assim o movimento commercial se fosse restabelecendo. Os bancos, que estavam saturados de cauções e letras, recommearam as transacções e o aumento dos negocios foi, então notorio em todo o paiz. A confiança voltou.

Emquanto o orçamento ordinario se reduzia e se equilibrava no seu periodo de elaboração e primeira applicação, o orçamento extraordinario, de recursos, de operações de credito crescia, afim de attender aos enormes compromissos que o actual Governo, que não os criou, teve de pagar.

O commercio e os consumidores restringiram ao mesmo tempo as suas compras e a balança commercial precipiou a oscillar num sentido favoravel.

Em 1914, começava a obra de reparação, quando a grande conflagração arrebentou. Novas difficuldades surgiram, mas com a propria guerra appareceram novas possibilidades.

A industria que soffrera muito em 1913 começou a ter novas perspectivas em 1914 e veio progredindo até agora.

Os principaes artigos de exportação soffreram com a guerra, mas a procura de artigos novos estimulou outras produções que foram compensando largamente as antigas.

Por isso, o Sr. Presidente da Republica disse com muita razão na sua mensagem de 1917 que o paiz estava num periodo de franca convalescença.

Em 1917, as circumstancias foram alterando a attitud politica do Brasil perante a guerra europea. Os Brasileiros sempre sympathisaram com a causa dos Alliados, que é a causa do direito e da justiça.

Mas o Governo manteve a neutralidade até o momento em que o delirio allemão attingio as relações pacificas dos Americanos com os outros povos.

Em Janeiro do anno que analysamos, a chancellaria de Berlim notificou ás potencias neutras que ia intensificar a campanha submarina e que não mais respeitaria pavilhão neutro. Os Estados Unidos não puderam aceitar essa imposição que era um attentado a todas as convenções. Declararam guerra á Alemanha e o Presidente Wilson, numa mensagem, que é dos mais lindos documentos da historia universal, mostrou o fim idealista de sua intervenção.

Ao Brasil, que já soffrera na sua navegação, não ficaria bem conservar uma neutralidade

que diante das aggressões da Alemanha seria um contrasenso e uma humilhação. O Sr. Wenceslão Braz compreendeu com calma o que as circumstancias exigiam e não hesitou em cumprir o seu dever.

A nossa politica Internacional sempre se baseou na amizade tradicional aos Estados Unidos. A doutrina de Monroe, como a definiu o Sr. Nilo Peçanha, tem obrigações reciprocas e, se os Estados Unidos se empenhavam numa grande guerra para salvar o mundo de uma aggressão escravizadora, o nosso dever impunha uma attitud decisiva. Por isso, o Brasil começou por quebrar a neutralidade em favor dos Estados Unidos e depois das potencias europeas. Quando os Tudascos afundaram mais um navio brasileiro, o Governo, que já tinha interrompido as relações diplomaticas e commercias com o Imperio allemão, tomou medidas de represalias, como a posse militar e depois o aproveitamento dos navios tudascos refugiados nos nossos portos. Diante de novas aggressões de submarinos allemães, reconhecemos o estado de guerra e tomamos providencias para evitar a evasão dos capitães germanicos.

Esses actos influram sobremaneira na vida economica do paiz. Determinaram uma attitud de mais franco auxilio official á obra de reparação e de fomento de novas culturas, de amparo á produção. O Governo convidou os presidentes das associações das classes conservadores e produtores para constituirem um *Comité de Produção Nacional*, mais ou menos á maneira do *Comité de Defesa Nacional* dos Estados Unidos, mas com attribuições muito mais restrictas e funções sem o mesmo caracter de permanencia e de cooperação efficaz com os poderes publicos.

9.ª — O COMMERCIO EXTERIOR EM 1917

O anno de 1913 foi de crise. Num paiz devedor do typo do genero do nosso, quando não ha saldo na balança mercantil ha desequilibrio geral na vida economica e financeira. O proprio paiz reagiu, porém; e aos poucos, restringindo as compras e aumentando a produção dos artigos que a situação do mundo tornava mais procurada, foi reparando as perdas e restabelecendo o equilibrio.

Os dados da Directoria da Estatistica Commercial mostram esse movimento util de reacção. O quinquennio que abrange do anno de crise ao anno passado, revela, pela evolução de seus dados commercias, o esforço do paiz para se adaptar ás novas circumstancias.

O anno de 1917 foi de crise para os principaes productos do paiz que ainda dominam os quadros da exportação, quer quanto á quantidade quer quanto á qualidade; mas em conjunto foi de reparação, de criação de valores novos, de esperanças e bons perspectivas, porque os novos artigos de exportação compensaram amplamente os defectos occasionados pela diminuição

das vendas do café, de borracha, da herve-mate e da depreciação de suas cotações.

Assim augmentaram em quantidade, nos quadros de exportação, em relação ao anno precedente, a carne congelada, o xarque, os diversos productos animaes, o manganez, o algodão, o arroz, o assucar, as batatas, a propria borra-cha e o proprio cacão, a farinha de mandioca, o feijão, os fructos para oleo, as madeiras e o milho e diminuíram o café, a cera de carnauba, o oleo nativo, as frutas para mesa, a herve-matte e as madeiras. Em valor papel subiram nas estatísticas em relação a 1916 a carne congelada, as pelles, o xarque, os diversos productos ani-maes, o manganez, os diversos mineraes, o al-godão, o arroz, o assucar, as batatas a cera de carnauba, o feijão, os fructos para oleo, o milho e os diversos artigos vegetaes e baixaram o café, a borracha, o cacão o fumo, a herve-matte, as frutas para mesa, os couros e o ouro nativo.

As cotações por unidade da carne conge-lada, dos couros, das pelles, do manganez, do algodão, do arroz, do assucar, da cera de car-nauba, da farinha de mandioca, do feijão, das frutas para oleo, da herve-matte, das madeiras e do fumo foram mais elevadas do que no anno anterior, mas as do café, do cacão, do ouro, das frutas para mesa e do fumo foram mais baixas. Houve assim compensação. A nossa exportação augmentou tanto em volume como em valor.

Assim foi a seguinte a exportação por quan-tidade no quinquennio findo em 1917:

Exportação	Importação	Saldo negativo
1913.....	972.731:000\$	1.037.495:000\$000
		34.764:000\$000
		Saldo positivo
1914.....	750.980:000\$	561.853:000\$000
1915.....	1.022.634:000\$	532.996:000\$000
1916.....	1.107.508:000\$	810.759:000\$000
1917.....	1.136.453:000\$	837.728:000\$000

Em libra, contando com as continuas osci-lações cambiais, o movimento do commercio ex-terior do quinquennio apresenta os seguintes el-ementos:

EXPORTAÇÃO — IMPORTAÇÃO	
Saldo negativo	
1913 £ 64.849.000	£ 67.166.000
Saldo positivo	
1914 £ 46.522.000	£ 35.473.000
1915 £ 52.970.000	£ 30.088.000
1916 £ 55.010.000	£ 40.369.000
1917 £ 59.876.000	£ 44.510.000

O valor médio por tonelada do commercio exterior demonstra como o país precisou traba-lhar para obter o saldo necessario ao seu equi-líbrio economico e financeiro, porque a propor-ção que nos ultimos annos a média da impor-tação subia, e da exportação crescia.

Toneladas	
1913.....	1.366.823
1914.....	1.299.548
1915.....	1.780.442
1916.....	1.841.662
1917.....	1.960.104

A exportação não soffreu assim em seu con-junto, com o retrabimento das vendas dos nossos principaes productos.

A Importação veio diminuindo em quanti-dade, pela restrição natural das compras, pelas dificuldades de transporte, elevação do valor mercantil e dos fretes. Assim o movimento do quinquennio foi o seguinte:

Toneladas	
1913.....	5.873.040
1914.....	3.478.261
1915.....	2.799.168
1916.....	2.640.900
1917.....	1.686.144

Quanto ao valor a exportação veio subindo de 1914 a 1917, mas o saldo do movimento do commercio exterior foi em 1917 menor do que em 1916, porque os productos importados, em virtude de diversas causas motivadas pela guerra, custaram muito mais caro.

Em verbas papel o commercio exterior no quinquennio foi o seguinte, confrontando a ex-portação e a importação, e dando os saldos res-pectivos:

Em papel o valor médio da tonelada impor-tada foi, em 1913, anno de crise no Brasil, mas ainda de relativa prosperidade industrial na Eu-ropa, de 1713 papel, correspondente a 11,4 em libras. A média da tonelada da exportada foi ainda de 7113 papel, equivalente a 47,4 libras.

Nos annos seguintes, soffrendo a influencia da guerra, a média obedeceu á factores que tor-navam ainda mais custoso o nosso esforço de re-paração e que assim mesmo se realizou com re-lativo proveito para o país.

O valor médio da tonelada importada foi o seguinte, em papel e em libras, de 1914 a 1917:

	Em papel	Em libras
1914.....	161\$000	10.2
1915.....	208\$000	10.7
1916.....	307\$000	15.2
1917.....	422\$000	22.4

O valor médio da tonelada na exportação foi no mesmo periodo o seguinte:

	Em papel	Em libras
1914.....	577\$000	35.8
1915.....	574\$000	29.7
1916.....	601\$000	29.8
1917.....	580\$000	30.5

A fracção da libra, segundo os dados da Repartição de Estatística Commercial, é em de-cimal.

10. OS ANTIGOS ARTIGOS DE EXPORTAÇÃO

Os antigos e tradicionaes productos de ex-portação brasileira soffreram no anno passado sensível queda nos quadros estatísticos. Assim no valor total da nossa exportação, o café já occupou mais de 70 por cento; já chegou mes-mo em certos annos a 80 por cento. Em 1915, ainda a proporção do café para o total da ex-portação era de 60.7 por cento. Em 1916, en-tretanto, a porcentagem baixou a 52.2. No anno de 1917 a proporção do café para o con-junto da nossa exportação foi de 58.7 por cen-to. Assim, apesar de sua queda transitoria, de uma crise que será passageira e de uma ac-cumulação de stocks que a paz dissipará, o nosso principal artigo de exportação manteve a sua posição central e dominante.

O café é ainda a base da nossa exporta-ção. A proporção tem ainda nestes ultimos an-nos, tanto que se não fossem as novas exporta-ções, o nosso commercio externo teria baixado. Mas a proporção que o café ainda manteve no nosso commercio exterior é ainda muito signifi-cativa.

O confronto do valor do café exportado e da exportação em geral não deixa, porém, de conter ensinamentos. Do quadro abaixo resalta a proporção a que já nos referimos:

	Valor do café exportado	Valor da exportação total
1913.....	611.670:000\$	972.731:000\$
1914.....	439.707:000\$	750.980:000\$
1915.....	620.485:000\$	1.022.634:000\$
1916.....	589.174:000\$	1.107.508:000\$
1917.....	410.210:000\$	1.136.453:000\$

	VALOR — PAPEL			
	1916	1917	1916	1917
Café, saccos.....	13.039.000	10.605.000	589.174:000\$	410.210:000\$
Borracha, toneladas.....	21.495	23.980	152.239:000\$	143.987:000\$
Herve mate, toneladas.....	73.652	58.672	32.122:000\$	31.546:000\$
Cacão, toneladas.....	43.720	55.822	50.371:000\$	48.089:000\$
Fumo, toneladas.....	16.390	32.497	74.234:000\$	69.124:000\$
Frutas para mesa, toneladas.....	21.293	25.251	30.322:000\$	23.438:000\$
Cera de carnauba, toneladas.....	40.950	38.452	10.117:000\$	9.420:000\$
Pelless, toneladas.....	4.167	3.669	7.977:000\$	8.422:000\$
	2.258	2.897	16.464:000\$	20.304:000\$

Em libras o confronto é mais incisivo ainda:

	Valor do café exportado	Valor total da exportação
1913.....	40.778.000	64.849.000
1914.....	27.000.000	46.522.000
1915.....	32.190.000	52.970.000
1916.....	29.278.000	55.010.000
1917.....	33.052.000	59.876.000

Assim o café é ainda a grande força da nossa exportação, mas devido a diversas causas que já foram em tempo estudadas, soffre no seu valor e no seu transporte e assim accusa dimi-nuição, que provocaria grande crise no Brasil se outras fontes de ouro e de riqueza não compensassem esse prejuizo e não dessem mesmo novo impulso e novas esperanças ao nosso com-mercio internacional.

O café é, porém, ainda e será por muito tempo a nossa principal fonte de renda. E' o que se deduz das proprias estatísticas e tudo de-vemoz fazer para o ampliar e garantir, pro-curando ao mesmo tempo normalizar e estabele-cer as novas exportações. Assim quando a si-tuação se restabelecer para o café, mantidas tambem as novas correntes commerciaes, a nossa exportação receberá um grande impulso e atin-girá aos 100.000.000 de libras que a nossa eco-nomia geral está exigindo para regularização e saldo compensador no encontro definitivo de contas.

Os outros artigos tradicionaes tambem soff-rem deprecações e deficiencia. A borracha ainda é o nosso segundo artigo de exportação. Já absorveu cerca de 15 e 18 por cento da ex-portação total; mas em 1916, a proporção para o conjunto era de 18,4 por cento; em 1916 foi de 18,7 por cento e em 1917 baixou a 12,7 por cento. A borracha tem mantido male ou menos a mesma quantidade na exportação e no valor, mas a depreciação cada vez mais accentuada dos preços está creando uma situação que exige prompta e rapidas medidas de protecção.

A herve-mate, o fumo, o cacão, os couros, que foram sempre o apoio supplementar do café e da borracha, desceram tambem em relação ao commercio geral para o exterior. Os couros que entraram ainda em 1916 com 5,6 por cento e em 1916 com 6,7 por cento baixou na sua contri-buição em 1917 a 5,3 por cento. O cacão passou de 5 por cento a 4 por cento. A herve mate de 3,5 por cento a 2,8 por cento e o fumo de 2,2 a 2,1 por cento.

A quantidade e o valor dos antigos artigos de exportação nos dous ultimos annos foram os seguintes:

Assim dos nossos antigos productos de exportação, dos que constituem, apesar de tudo, a base do nosso commercio exterior, dos que ha pouco tempo ainda eram os unicos a sustentarem a nossa balança commercial, poucos aproveitaram das circunstancias exceptionaes da guerra. Os que tiveram como as pelles, a cera de carnaúba e os couros augmento na cotação, tiveram dimi-

nuição de produção e escoamento e assim pouco beneficio usufruíram em relação a procura. Parece interessante transcrever aqui os preços medios por unidade dos artigos de exportação, segundo os dados da Directoria de Estatística Commercial. Assim ficarão mais claras as referencias que já fizemos e que ainda teremos de fazer:

ARTIGOS	UNIDADE	EM RÉIS, PAPEL				
		1913	1914	1915	1916	1917
1—Carne congelada.....	Kilo.....	—	\$778	\$710	\$837	\$900
2—Couro.....	"	\$952	\$905	\$495	\$601	\$888
3—Pelles.....	"	\$3578	\$3277	\$3147	\$381	\$3008
4—Xarque.....	"	13079	\$982	\$969	13174	13088
5—Manganês.....	Tonelada.....	233250	254485	363477	533641	1073503
6—Ouro amêlo.....	Gramma.....	13325	13780	23048	23180	23042
7—Algodão.....	Kilo.....	\$925	\$928	13051	22241	22540
8—Arroz.....	"	\$479	\$421	\$494	\$431	\$588
9—Assucar.....	"	\$181	\$212	\$214	\$475	\$523
10—Batatas.....	"	—	—	—	\$202	\$165
11—Borracha.....	"	\$236	\$338	\$361	\$334	\$338
12—Cacão.....	"	\$303	\$752	\$248	\$152	\$364
13—Café (*).....	Sacca.....	463103	393017	363368	463187	413609
14—Cera de carnaúba.....	Kilo.....	\$705	\$662	\$627	\$614	\$296
15—Farinha de mandioca.....	"	\$144	\$114	\$178	\$250	\$281
16—Feijão.....	"	\$148	\$201	\$186	\$247	\$244
17—Frutos de mesa.....	"	\$265	\$371	\$359	\$302	\$434
18—Frutos para óleo.....	"	\$975	\$976	\$121	\$171	\$213
19—Fumo.....	"	\$836	\$574	\$325	\$124	\$910
20—Herva mate.....	"	\$542	\$459	\$472	\$505	\$538
21—Madeiras.....	"	\$103	\$104	\$94	\$79	\$94
22—Milho.....	"	—	—	—	\$104	\$106

10° — NOVOS VALORES DO COMMERCIO EXTERIOR

Novos artigos de exportação accusaram em 1917 grande augmento, compensando a queda dos productos por assim dizer classicos. Chamamos novos artigos, não só os que são intelualmente novos, como os que, depois de uma longa interrupção ou depois de prolongada estadia numa posição modesta e insignificante, tomaram grande desenvolvimento e appareceram com maior procura, melhores e exceptionaes cotações e largas possibilidades.

Assim, a carne congelada, o manganês, o feijão, o arroz, o milho, os frutos para óleo, o algodão, o assucar, as batatas, as madeiras apresentam no quinquennio ou no anno de 1917 augmentos não grandes que demonstram que surgiram valores novos para o novo commercio exterior. Assim, os antigos productos de exportação absorviam ainda em 1915 cerca de 80 por cento da exportação brasileira. Em 1916, em proporção baixava a 70 por cento e em 1917 passou a cerca de 60 por cento.

O manganês já representou em 1917 cerca de 5 olo da exportação, o assucar 6 1 olo, o feijão 3.6 olo, o arroz 2 olo.

A carne congelada é um producto novo. O seu crescimento, proveniente das necessidades da

guerra, é formidavel. Mas é preciso reconhecer que a carencia de carne na Europa subletrá depois da guerra, porque os rebanhos, que já se iam tornando insufficientes em 1913, estão agora immensamente desfalcados.

O xarque teve tambem grande desenvolvimento com a guerra. A importação tem diminuído e a exportação augmenta.

O manganês é necessario para a fabricação do aço hessemer. Com a guerra houve, portanto, um verdadeiro «boom» de manganês.

O algodão não beneficia com a guerra, como poderia, porque as safras não produziram mesmo para attender a todos os pedidos da propria industria nacional.

O assucar é um velho producto do Brasil. Foi do engenho que arrancámos a riqueza que tornou possível a independencia. Foi o primeiro elemento de economia do país, constituido e emancipado como a mineração e as madeiras foram dos primitivos tempos coloniaes. Mas, tendo soffrido crises formidaveis, depois do planio da betarraba na Europa, só agora lhe appareceu de novo ampla perspectiva de exportação. E, portanto, sob este ponto de vista, um artigo novo, que ganha com a guerra e com a guerra se valoriza e é cada vez mais procurado.

As necessidades dos Aliados e neutros oearam tambem para nós outras possibilidades.

Comçámos a exportar arroz, feijão, farinha de mandioca e milho. O Brasil, que já foi um grande importador de arroz e de feijão e batatas, já exporta esses tres artigos, os dois primeiros para a Europa e o ultimo para o Rio da Prata.

Os altos preços a que attingiram esses productos fizeram com que as plantações se estendessem e novas perspectivas se abrissem para a nossa lavoura. De arroz já exportavamos em 1913 pequena quantidade e de farinha de mandioca sempre tivemos poucos mas fieis freguezes.

A exportação de feijão era recente e insignificante. Só em 1916 a exportação do arroz e do feijão tomou incremento e começou a do milho e de batata. A de farinha de mandioca, que os Ingleses comçaram a comprar, só se elevou em 1917.

Os frutos para óleo são antigos productos de exportação, mas como offerecem novas perspectivas com a guerra os incluímos na classe que vamos tratando. Os exportadores, pela insufficiencia de produções, não puderam aproveitar de sua crescente valorização, principalmente de mamona. A exportação em quantidade não correspondeu á procura, mas o valor quasi attingiu o dos outros annos, em virtude da alta dos preços.

As madeiras tiveram augmento em 1916, mas baixaram, devido á deficiencia de extracção, falta de transporte e prohibição de importação da parte de alguns países belligerantes. A guerra e o periodo de reconstrucções de pois da paz dão ao commercio das madeiras tão

amplas possibilidades que o artigo só pôde ser incluído entre os novos productos que a guerra valorizou.

O milho só appareceu nos quadros da exportação em 1916. E' uma grande riqueza a explorar.

Assim os novos productos de exportação, que tiveram impulso com as novas culturas e a especial situação do mundo, contribuíram em 1917 com cerca de 15 milhões de esterlinos para um total de 69.875.000 libras.

Sem esse desdobramento da nove renda, o nosso commercio não teria obtido o saldo que garante a reparação e o desenvolvimento da nossa força economica.

A exportação ven reflectindo tambem a situação geral do país.

Em 1913 foi maior do que a exportação, porque soffreu o influxo de encomendas que contavam com o mesmo movimento de capitães que se haviam distribuído pelo país nos annos anteriores. O país reparou as suas forças; restringiu as compras, tratou de comprar menos e vender mais; como, porém, os nossos principaes productos estavam a estão depreciaados, o esforço foi muito grande, porque, enquanto compravamos mais caro em consequencia da guerra, vendiamos cada vez mais barato, tendo em vista o conjunto da nossa exportação. Foram os novos productos que tudo recompensaram. Vamos comparar a sua exportação em 1917 com o anno precedente.

	QUANTIDADE		VALOR — PAPEL	
	1916	1917	1916	1917
Carne congelada, toneladas.....	33.661	66.482		
Xarque, toneladas.....	22.700	4.187	28.193:000\$	60.263:000\$
Manganês, toneladas.....	508.130	532.855	2.665:000\$	4.440:000\$
Algodão, toneladas.....	1.071	5.941	29.504:000\$	57.284:000\$
Assucar, toneladas.....	58.924	131.509	2.400:000\$	15.091:000\$
Arroz, toneladas.....	1.124	42.590	25.598:000\$	68.732:000\$
Batatas, toneladas.....	18	2.397	2.400:000\$	15.091:000\$
Farinha de mandioca, toneladas.....	4.771	18.493	3:000\$	229:000\$
Feijão, toneladas.....	45.594	93.428	1.977:000\$	5.192:000\$
Frutos para óleo, toneladas.....	15.219	31.106	13.763:000\$	40.682:000\$
Madeiras, toneladas.....	75.122	49.668	2.616:000\$	6.883:000\$
Milho, toneladas.....	4.832	24.047	5.911:000\$	4.866:000\$

12.° A CRISE DE NUMERARIO. CRISE DE CREDITO

As consequencias da crise perduraram ainda em 1917, apesar do esforço de reparação que obteve resultados positivos na balança commercial.

A crise permaneceu sob muitos pontos de vista. Assim, o commercio no melado do anno queixou-se da falta de numerario. Os bancos restringiam as suas transacções; as caixas economicas, depois da queda das entradas e do augmento das retifadas de 1913, 1914 e 1915, comçaram a receber novos depositos, o que demonstrava sobras de trabalho e portanto recrudescimento da actividade remuneradora.

Os diversos bancos que funcíonam no Brasil tinham em Janeiro de 1917 mais dinheiro em caixa que em 1916.

Mas apesar disso, ou melhor por isso mesmo, o commercio sentia que havia falta de numerario. Ao mesmo tempo, o Governo teve necessidade de recorrer ás emissões de papel para attender ás despesas publicas.

O imposto de importação, base de toda a renda, baixava e, se o imposto de consumo augmentava, o equilibrio não se poderia estabelecer.

As demais, S. Paulo, por intermedio de seus estadistas, commerciantes e lavradores mostrava a necessidade de uma emissão para amparar o

café, cuja protecção é necessaria á estabilidade da nossa fortuna publica.

O nosso desenvolvimento economico apoiava-se na emigração de capitães e braços europeus; a guerra suspendeu essas remessas, mas como compensação creou novas correntes commerciaes e forçou o paiz a trabalhar para o seu proprio abastecimento.

As culturas de cereaes se estenderam; os Alliados vieram realizar compras avultadas e assim, enquanto os productos tradicionais sofriam, outros artigos começaram a ser procurados com interesse e os lavradores, diante das novas perspectivas que se apresentavam, descobriam as suas plantações. Houve assim um movimento novo e novos artigos de exportação não só cobriram o deficit do café, da borracha, da herva-matê, como fizeram com que o nosso commercio exterior fosse aumentando em volume e em valor.

O commercio desta e de outras pragas do Brasil, com a sua proverbial honestidade, conseguiu normalizar as transacções e attenuar o mais possivel a repercussão das perturbações consequentes da grande guerra.

A crise de numerario, a restricção resultante nas compras, a alta relativa dos preços trouxeram difficuldades; mas assim mesmo, em relação ao estado anormal, que atravessa o mundo, a nossa vida commercial segue o seu ritmo habitual e as cotações dos artigos de primeira necessidade são aqui e no interior muito mais baixas, na generalidade dos casos, do que nos paizes europeus, nos Estados Unidos e nas Republicas do Prata.

O Governo teve de attender, porém, á situação especial e forneceu fundos ao Banco do Brasil para alargar as suas transacções e assim favorecer o commercio, a que o nosso principal estabelecimento de credito amparou na medida de seus recursos.

O credito no Brasil ainda é deficiente e precario e enquanto não se resolver a questão da capacidade emissora do Banco do Brasil não poderá melhorar e adquirir situação estavel e garantida. É preciso dar ao Banco a faculdade emissora, afim de que elle possa fornecer recursos na proporção das necessidades das pragas.

Assim mesmo a acção do nosso principal estabelecimento de credito e dos outros bancos foi benéfica e ajudada pela honestidade do nosso commercio, dominou a situação e evitou consequencias que são em geral deducções naturais do estado de guerra.

O espirito de inelictividade do nosso commercio, da industria e da lavoura foi adaptando as condições de productividade do paiz ás circumstancias novas e assim fomos compensando a deficiencia de exportação dos nossos classicos productos de venda exterior.

A economia nacional reagiu assim. Mas não era possivel deixar que o café, base da nossa

exportação, se depreciasse em extremo, pela abundancia dos depositos não procurados, porque a crise viria em pouco tempo depois, e reflectir em todo o organismo brasileiro e inutilizar mesmo o esforço da multiplicidade da cultura. Por isso, os dirigentes paulistas sollicitaram o auxilio da União, para sustentação dos preços do café e pela lei de defesa nacional o Governo Federal foi autorizado a destinar 150.000 contos da emissão de papel-moeda para ajudar o Estado de S. Paulo no amparo das cotações do seu e nosso principal producto.

No fim do anno o Pará e o Amazonas pediram igual protecção para a borracha e o Senhor Presidente da Republica, usando da autorização da lei de guerra, ordenou que o Banco do Brasil despendesse até 15.000 contos na compra da borracha a um preço que impedisse a queda proposital das cotações.

O Governo da União e nos Estados estão interessados na intensificação das culturas e o Sr. Presidente da Republica constituiu um comité de Produção Nacional que indicou uma porção de medidas uteis: uniformização de fretes, garantia de preço minimo de certos productos, regularização da navegação, credito agricola, etc.

A industria fabril desenvolveu as suas produções e os mercados nacionaes estão de tal forma servidos que as nossas fabricas de tecidos não puderam attender a todas as encomendas que receberam do Prata. Assim mesmo no anno de 1917 se accentuou a exportação de productos manufacturados que começou ha pouco tempo e abriu novas perspectivas ás industrias nacionaes.

Num paiz como o nosso, sem sufficiente organização bancaria, toda essa actividade exigia capitães circulantes para a mover e fazer circular os artigos que produzia e dahi a necessidade de novas emissões, que todo o mundo condena, mas que em dados momentos todos os paizes praticam.

13º — A SIMPLIFICACAO ORÇAMENTARIA. A DOCTRINA DA CAMARA. A DOCTRINA DO SENADO. A SOLUCAO DO SR. MINISTRO DA FAZENDA

O trabalho da elaboração dos orçamentos principiou em 1917 com relativa calma e ponderação. A Camara resolveu sujeitar tudo que visasse interesse pessoal e tratou de reduzir as despesas afim de compensar a diminuição da receita, sem que fosse necessario o appello a novos impostos ou a novos emprestimos. O Sr. Antonio Carlos, então relator da receita da Camara, não tomou em consideração a proposta da criação e aggravação de impostos do Ministro da Fazenda. Je então e procurou reduzir as despesas, aguardando oportunidade para a solução definitiva.

O Sr. Antonio Carlos foi, na Commissão de Finanças, um dos *leaders* dessa orientação prudente. Reconhecendo que não era possivel per-

turbar a marcha da convalescência do paiz a que o Sr. Presidente da Republica alludiu na sua ultima mensagem, o actual Ministro da Fazenda traçou a directriz de prudencia e de bom senso que desdobrou depois na pasta da Fazenda. A Camara enviou assim ao Senado um orçamento simplificado: excluiu tudo que podia ser eliminado e adiado e majorou as previsões da receita.

No Senado diversos Senadores mostraram que o criterio da Camara fora exaggerado. Na preoccupação de simplificar os Deputados haviam deixado muita coisa de lado e assim os orçamentos não passariam de ficções. Parecia que as duas doutrinas postas frente a frente provocariam um conflicto entre as duas casas do Congresso. A Camara, no louvavel intuito de não crear novos embarços ao paiz, de não augmentar os encargos financeiros do Estado e não onerar a população e a produção, preferia reduzir despesas a descobrir novas fontes de renda; o Senado, percebendo que as dotações votadas pela Camara seriam insufficientes, achava mais razoavel buscar em novas tributações os recursos necessarios, para não desorganizar serviços e perturbar a boa marcha da administração. Foi quando o choque dessas duas doutrinas poderia provocar conflicto entre as duas casas do Congresso que a Commissão de Finanças do Senado teve a feliz iniciativa de convidar o Sr. Antonio Carlos, Ministro da Fazenda, a expor a opinião do Governo em relação á elaboração do orçamento de 1918.

O Sr. Antonio Carlos fez uma exposição brilhante e definitiva. S. Ex. comprehendeu, perfeitamente, as necessidades da regularização das finanças, lembrando em primeiro lugar que em toda a parte, e principalmente em paizes em crise ou em guerra, as finanças publicas precisam ser divididas em duas partes: a primeira, ordinaria, alimentada com a receita commum, mantendo os serviços normaes do Estado; a segunda, extraordinaria, movida por recursos de varias formas e attendendo ás despesas de caracter excepcional e ás operações de varias naturas. Para o orçamento extraordinario, que é o orçamento de guerra, o Governo tinha recursos provenientes da emissão autorizada e cujos saldos poderiam ser applicados nas despesas de guerra. Por isso S. Ex. chamou a esse orçamento extraordinario de orçamento de guerra. O orçamento ordinario apresentava, porém, deficit. Tal como tinha sido votado pela Camara iria exigir a abertura de creditos extraordinarios, porque a arrecadação não corresponderia ás dotações inscriptas. A situação não permitia tambem novos impostos.

Por isso, S. Ex. suggeriu uma solução conciliadora, que seria a melhor para o momento. Reduzindo as previsões da receita ás suas naturas proporções e augmentando as dotações que tinham sido diminuidas no projecto, o melhor seria, para cobrir o deficit que disso resultaria, aproveitar o producto da compensação

que a França tornecerá ao Brasil pelo aproveitamento da praga dos trinta navios cedidos.

Assim o orçamento ordinario ficaria perfeitamente equilibrado sem que fosse necessario recorrer a novos impostos ou a exaggeros de calculos.

A Commissão approvou as idéas do Sr. Ministro e assim o orçamento foi elaborado sob principios novos: para cobrir o deficit existente o Senado, de accordo com o Governo, incluiu como receita os recursos accumulados pelo Governo e a indemnização offerecida pela França pelo uso dos navios do Lloyd Brasileiro.

Assim foi feito. A Camara approvou o que o Senado emendara e a lei da receita para o exercicio de 1918 appareceu no dia 1 de Janeiro no *Diario Offical* com innovações interessantes que convem fixar.

A questão orçamentaria é de grande e primordial importancia. Não é possivel negar a sua influencia em toda a vida economica e financeira do paiz.

É uma lei central. Em torno della gira tudo o que o Governo pôde fazer no exercicio e num paiz novo de riqueza em formação, sem capitães disponiveis, tudo depende directa ou indirectamente do Estado.

A vida economica do paiz está assim subordinada á questão orçamentaria, porque o estado das finanças publicas reflecte na economia nacional como esta naquellas.

Tudo que se tenta fazer de grande e novo procura, nos paizes de riqueza incipiente, a protecção directa ou indirecta do Estado. A escola classica, os liberaes, os anarchistas acham que não deve ser assim; o typo ideal de uma sociedade industrial não é realmente esse. Mas nem todos os ideaes podem ser realizados pela simples enunciação de suas aspirações. A realidade é que, nas épocas de crise, nos paizes novos, nas sociedades de riqueza em formação, é para o Estado que todos appellam e bens a males tudo é devido e attribuido á sua benéfica ou malefica influencia que por toda a parte apparece.

14º — O ORÇAMENTO DE 1918 E A SITUAÇÃO FINANCEIRA

O orçamento de 1918 ficou equilibrado, graças aos recursos extraordinarios que entraram para reforçar a receita ordinaria.

A receita foi calculada de forma que o equilibrio fosse obtido com os elementos novos e temporarios que deram novas forças ás diversas rubricas.

A receita geral da Republica dos Estados Unidos do Brasil para 1918 foi assim orçada em 114.998.867\$200 ouro e 428.435.000\$ papel e a destinada á applicação especial em 10.970.000\$ ouro e 19.978.000\$ papel. Houve augmento na receita papel com relação ao anno anterior e diminuição na receita ouro.

A despesa geral foi fixada em réis \$4.458.084.444 ouro e 461.958.950\$959 papel. Ha assim deficit de papel e saldo ouro. Houve em relação ao orçamento anterior, diminuição na despesa ouro e aumento na despesa papel.

As despesas são assim discriminadas pelos Ministerios:

	Ouro	Papel
Justiça e Negocios Interiores.....	12.384\$400	48.602.596\$862
Relações Exteriores.....	2.936\$000	1.107.200\$000
Marinha.....	200.000\$000	44.312.851\$832
Guerra.....	100.000\$000	74.498.352\$520
Agricultura.....	61.680\$352	18.962.818\$610
Viação.....	30.002.644\$920	148.307.167\$431
Fazenda.....	60.827.262\$772	126.087.962\$898

Em relação ao anno anterior houve aumento em todas essas rubricas, menos em papel na do Exterior, e ouro na Fazenda.

A discriminação das previsões da receita, foi assim feita para 1918:

Ouro:		
Direitos de importação.....	62.208.000\$000	
2º ouro sobre os ns. 93 e 95.....	720.000\$000	
Expediente dos generos livres.....	144.000\$000	
Impostos de pharões.....	225.000\$000	
Impostos de docas.....	27.000\$000	
Imposto de sello.....	20.000\$000	
Imposto sobre subsídios e vencimentos.....	50.000\$000	
Produto do arrendamento das areias moçasiticas.....	100.000\$000	
Renda dos Telegraphos.....	800.000\$000	
Arrendamento dos navios do Lloyd.....	38.868.110\$000	
Renda dos consulados.....	1.000.000\$000	
Renda Extraordinaria:		
Montepio da Marinha.....	3.000\$000	
Montepio militar.....	2.000\$000	
Montepio dos funcionarios publicos.....	35.000\$000	
Indemnizações.....	20.000\$000	
Contribuição do Estado de São Paulo para pagamento dos juros e amortizações do empréstimo de libras 3.000.000.....	2.560.320\$000	
Importancia a despendor no exercicio do deposito para a construção da Estrada de Ferro de Goyas.....	4.918.088\$312	
Fundos depositados em Londres.....	8.888.888\$888	
Essas rendas e recursos fornecem réis 120.758.357\$260 ouro, e dessa somma, deduzindo 5.760.000\$ dos 5º ouro da totalidade dos di-		

reitos de importação para a renda com applicação especial, restam 114.998.357\$200.

As previsões da receita papel são assim discriminadas:

Direitos de importação.....	49.823.000\$000
Expediente dos generos livres de diretos.....	270.000\$000
Expediente das capatazias.....	405.000\$000
Armazenagem.....	640.000\$000
Taxa de estatística.....	5.500.000\$000
10 º sobre o expediente.....	45.000\$000
Imposto de consumo:	
Fumo.....	20.000.000\$000
Bebidas.....	31.000.000\$000
Phosphoros.....	17.000.000\$000
Sal.....	5.500.000\$000
Calçados.....	4.500.000\$000
Especialidades pharmaceuticas.....	2.000.000\$000
Perfumarias.....	2.500.000\$000
Conservas.....	4.050.000\$000
Vinagre.....	400.000\$000
Velas.....	500.000\$000
Bengalas.....	30.000\$000
Tecidos.....	22.400.000\$000
Espartilhos.....	40.000\$000
Vinho estrangeiro.....	3.600.000\$000
Papel para forrar casas.....	40.000\$000
Cartas de jogar.....	450.000\$000
Chapéos.....	8.450.000\$000
Discos para gramophones.....	25.000\$000
Louças e vidros.....	600.000\$000
Ferragens.....	500.000\$000
Café torrado e moído.....	1.800.000\$000
Manteiga.....	500.000\$000
Imposto de sello.....	28.800.000\$000
Imposto de transporte.....	8.000.000\$000
Imposto de 5 º sobre os dividendos.....	5.000.000\$000
5 º sobre os juros das hypothecas.....	400.000\$000
2 º sobre os premios de seguros maritimos e terrestres e 5 º sobre premios de seguros de vida.....	400.000\$000
10 º sobre as importancias de sorteios.....	80.000\$000
5 º sobre os valores distribuidos pelos clubs de mercadorias.....	50.000\$000
Imposto sobre as loterias.....	1.400.000\$000
Premios dos depositos publicos.....	40.000\$000
Taxa judiciaria.....	120.000\$000
Taxa de aferição dos hydropetros.....	5.000\$000
Renda do Acre.....	5.000\$000
10 º sobre a exportação da borracha do Acre.....	6.000.000\$000
Rendas patrimoniaes — Villa Militar Deodoro.....	30.000\$000
Proprios nacionaes.....	500.000\$000
Villas Proletarias.....	140.000\$000

Fazenda Santa Cruz.....	30.000\$000
Tóros de terrenos de marinha.....	30.000\$000
Laudemios.....	100.000\$000

Rendas Industriales:

Correio Geral.....	10.000.000\$000
Telegraphos.....	9.500.000\$000
Imprensa Nacional.....	500.000\$000
Estrada de Ferro Central.....	62.500.000\$000
Oeste de Minas.....	5.000.000\$000
Itapura a Corumbá.....	1.000.000\$000
Lorena a Piquete.....	190.000\$000
Rêde Vição Cearense.....	3.000.000\$000
Casa da Moeda.....	20.000\$000
Armasas.....	12.000\$000
Instituto Surdos-Mudos e Mefinos Cegos.....	2.000\$000
Collegios Militares.....	20.000\$000
Casas de Correção.....	3.000\$000
Assistencia a Alienados.....	100.000\$000
Laboratorio Nacional de Analyses.....	120.000\$000
Minas de carvão de Jacubý, dividendo das aççoes.....	500.000\$000
Contribuição das companhias de estradas de ferro e seguro.....	1.800.000\$000
Renda extraordinaria:	
Montepio da Marinha.....	400.000\$000
Montepio Militar.....	750.000\$000
Montepio dos Empregados Publicos.....	2.200.000\$000
Indemnizações.....	1.500.000\$000
Juros do capital nacional.....	600.000\$000
Remanescente dos premios dos bilhetes de loteria.....	30.000\$000
Imposto de industrias e profissões no Distrito Federal.....	5.300.000\$000
Taxa de consumo de agua.....	5.000.000\$000
Taxa de saneamento.....	4.000.000\$000
Recalca proveniente da venda de generos e proprios nacionaes.....	5.000.000\$000
Importancia a receber dos bancos, juros.....	2.500.000\$000
Emissão de titulos da divida interna para estradas de ferro.....	12.000.000\$000
Importancia a despendor do deposito da Rêde Cearense.....	2.700.000\$000
Fundos disponiveis no interior, autorizados o Governo a emitir, papel-moeda sobre as notas da Caixa de Conversão que tiver ou fór adquirindo em importância correspondente ao valor destas notas, levando a conta do fundo de garantia, e o valor das notas incineradas da Caixa de Conversão.....	60.000.000\$000

A receita com a applicação especial é assim especificada:

Renda com applicação especial:

1. Fundo de resgate do papel moeda (cujo producto poderá ser, de preferencia, aplicado ao serviço de juros e amortização de titulos da divida interna papel):	
1.º Renda em papel proveniente do arrendamento das estradas de ferro da União.....	600.000\$
2.º Produto da cobrança da divida activa da União, em papel.....	1.200.000\$
3.º Todas e quaisquer rendas eventuaes percebidas em papel.....	2.200.000\$
4.º Dividendos das aççoes do Banco do Brasil, pertencentes ao Thezouro.....	1.300.000\$
5.º Os esidos que forem apurados no orçamento.....	\$
2. Fundo de garantia do papel moeda (cujo producto poderá ser, de preferencia, applicado ao serviço de juros e amortização de titulos de divida, ou):	
1.º Quota de 5%, ouro, sobre todos os direitos de importação para consumo.....	5.760.000\$
2.º Cobrança da divida activa, em ouro.....	100.000\$
3.º Todas e quaisquer rendas eventuaes, em ouro.....	100.000\$
3. Fundo para a caixa do resgate das apolices das estradas de ferro encampadas:	
Arrendamento das mesmas estradas de ferro.....	4.300.000\$
4. Fundo de amortização dos empréstimos intermex:	
Depositos: saldo ou excesso entre o recebimento e as restituições.....	\$
5. Fundo destinado ás obras de melhoramentos dos portos, executados á custa da União:	
Rio de Janeiro.....	3.000.000\$ 3.200.000\$
Bahia.....	380.000\$ 60.000\$
Recife.....	400.000\$ 2.400.000\$
Rio Grande do Sul.....	600.000\$ 6.000.000\$
Parahyba.....	20.000\$ 1.000.000\$
Centra.....	40.000\$

Paraná 50:000\$
Rio Grande do Norte 10:000\$
Maranhão 80:000\$

— Parece interessante recordar e confrontar os totaes dos orçamentos votados de 1913 para cá:

ORÇAMENTOS	RECEITA		DESEPEZA	
	Ouro	Papel	Ouro	Papel
1912.....	92.195:610\$000	312.627:500\$000	56.466:044\$968	404.021:451\$486
1913.....	108.382:384\$888	353.257:000\$000	63.284:720\$911	469.463:312\$478
1914.....	105.285:384\$888	347.561:000\$000	70.179:809\$234	426.923:469\$132
1915.....	95.380:564\$888	289.588:000\$000	54.884:056\$774	387.341:413\$211
1916.....	96.187:468\$888	324.951:000\$000	84.365:088\$776	405.266:062\$188
1917.....	116.816:204\$444	227.300:333\$000	98.532:945\$398	407.426:739\$111
1918.....	114.938:357\$200	428.435:000\$000	84.456:084\$444	461.958:950\$959

O Sr. Wenceslão Braz assumio o governo em condições muito espeaciaes. A renda da Alfandega decrescia, a dívida do Estado avultava e a crise fôra tão grande que o Thesouro deixara de saldar contas, de pagar a funcionarios e de executar pontualmente os serviços da divida interna.

A divida externa estava com o segundo *fundag loan*; o Sr. Presidente da Republica disse que executaria a palavra do Brasil e que através de todas as dificuldades reencetaria o pagamento dos juros da nossa divida externa em especie no prazo marcado pelo contrato. Cumprio a palavra e em 1917 recommçou o serviço da divida externa do Brasil em especie. Sem espalhafato, com modestia, o governo não só regularizou a situação financeira externa, restabelecendo a confiança, como conseguiu normalizar os pagamentos internos, usando largamente dos recursos votados para esse fim.

Quando assumio o governo o Sr. Wenceslão Braz, da emissão de papel-moeda autorizada pela lei n. 2.863, de 15 de Agosto de 1914, só restava um saldo de 30.900:000\$, do qual allas 3.900:000\$ só poderiam ser applicados em auxilios aos bancos.

Para as despesas ordinarias e para satisfazer os encargos do Thesouro só havia a emitir 27.000:000\$000.

Os compromissos da União não tendo sido satisfeitos ameaçavam a praça de uma crise tremenda; as contas não pagas e já descontadas nos bancos congestionavam as cartieras destas e entorpeciam o movimento commercial.

Foi então que ficou resolvida a emissão de letras-ouro e de letras-papel, e os decretos n. 11.471, 11.478, 11.510 e 11.570, de 3 e 5 de Fevereiro, 4 de Março e 5 de Maio de 1915, autorizaram essa operação, que a situação tornava urgente e necessaria para evitar males profundos e de grande repercussão em toda a economia do país. Com esses recursos, pôde o Sr. Wenceslão Braz liquidar a maior parte das obrigações que, qntros contrahiram e assim alliviar a situação do Thesouro e revigorar o credito nacional.

A mensagem lida a 3 de Maio de 1918 dava a totalidade do valor dessas emissões e a importancia de seu cargo. Assim, foram emitidas em Londres, letras-ouro na importancia de libras 3.417.968-18-7, e no Thesouro Nacional na de libras 1.636.552-11-8, pertazende um total de 5.054.521-13-5.

As letras-papel emitidas representavam Rs. 170.438:100\$000.

O Governo, depois de se servir desses titulos para saldar compromissos, descongestionou a carteira do bancos e evitou muitas bancarotas que seriam de funestos effeitos geras, tratou de os resgatar com os recursos que as emissões de papel-moeda iam-lhe facultando.

A mensagem fornece dados que demonstram como foi feliz o esforço governamental para liquidar essa divida, que, rendendo juros, pesava sobremaneira sobre o Thesouro. Até 31 de Março de 1918 foram resgatadas 4.965.590-1-2 libras de letras ouro e 140.067:900\$ de letras papel. Assim, só restam em circulação 88.822-12-1 libras de letras ouro e 30.370:200\$ de letras papel. A maior parte das responsabilidades assumidas foram assim liquidadas muito antes do que se poderia esperar.

Foram as emissões de papel-moeda e de apolices que favoreceram e tornaram possiveis essas operações.

As apolices tambem facilitaram a liquidação de compromissos. De Novembro de 1914 a fins de 1917 foram emitidas apolices no valor total de 191.307:900\$, applicadas em pagamento do contas, em construcções e aquisições de estradas de ferro, em resgate de letras, etc.

Essas diversas operações, consolidando dividas e permitindo o pagamento do contas e o resgate de letras, restabeleceram a confiança. A elevação das cotações das apolices demonstra esse robustecimento do credito publico.

Da primeira emissão de 24 de Agosto de 1914, 130.977:449\$ foram destinados a despesas ordinarias e 99.761:823\$318 à amortização de emprestimos; 100.000:000\$ foram applicados em emprestimos aos bancos, tendo sido recebidos como amortização 90.761:823\$318 e tendo sido inclinados 10.022:551\$000.

Da segunda emissão de 28 de Agosto de 1915, da autorização de 350.000:000\$000, réis 136.380:540\$417 foram applicados em liquidação de compromissos, 16.764:527\$ em differença de tipos das apolices, 11.000:000\$000 ao Banco do Brasil para auxilios à lavoura e réis 50.000:000\$ para descontos, tendo sido apenas 136.364:932\$583 em despesas ordinarias e extraordinarias da União.

A terceira emissão de papel-moeda foi autorizada, conjuntamente com a emissão de apolices, para dar ao Governo os recursos necessa-

Nos para acudir ás despesas extraordinarias a que o estado de guerra obrigou.

Em 31 de Dezembro de 1917 o valor do papel-moeda em circulação era de 1.335.232:970\$. A renda das Alfandegas diminuiu com a guerra, mas como diz a mensagem e por outro lado os impostos de consumo aumentaram, o que traz o estabelecimento de novas industrias no paiz e o desenvolvimento das já existentes.

A renda aduaneira, que em 1914 foi de réis 60.564:485\$982 ouro e 97.652:914\$977 papel, foi em 1917 de 56.602:582\$020 ouro e réis 48.112:668\$591 papel.

Em compensação, os impostos de consumo, que em 1914 produziram 52.240:622\$835, em 1917 attingiram a um total de 114.819:644\$879.

O *fundings* ainda alliviu por um lado as despesas de 1917, mas tambem onerou os seus encargos, fazendo crescer a divida externa de £ 3.175.769-11-2.

O esforço de reparação da actual presidencia patenteia-se principalmente no estudo do balanço do Thesouro. Infelizmente esses balanços ainda não são completos; as informações custam a chegar e grande parte, tanto da receita como da despesa, não figura nas suas rubricas competentes e sim como verbas não escripturadas, constantes ainda de demonstrações e telegrammas.

Assim mesmo pôde-se avallar a marcha para a normalização, a orientação segura, o equilibrio relativo. Certo, em 1917 a proporção dos recursos papel é muito maior do que em 1916. A situação especial que atravessa o paiz explica essa differença.

A attitude aggressiva e deshumana da Alemanha tornou a guerra inevitavel. A guerra exigiu despesas extraordinarias. Seria contra-productivo, absurdo, imquo cuidar somente das despesas militares, como seria levandado sem nome não tratar dellas.

Foi preciso melhorar o apparelhamento militar do paiz, e ao mesmo tempo fomentar o desenvolvimento economico para crear novas fontes de produção.

Assim, o movimento geral do Thesouro augmentou; foi de 179.376:774\$830, ouro, e réis 815.161:833\$926, papel, em 1916 e de réis... 183.073:742\$512, ouro, e 995.489:290\$160, papel, em 1917. Foi o decreto da 3ª emissão (16 de Agosto) que facultou os recursos para esse acrescimo de movimento de fundos.

A receita em 1916, incluindo a constante de demonstrações, telegrammas e os saldos foi de 73.942:954\$217, ouro, e 353.260:392\$519, papel, em 1916. A despesa ordinaria e extraordinaria attingio a 84.133:335\$983, ouro, e a 496.080:243\$134, papel. Ao demais, os resgates de letras do Thesouro exigiram a somma de 5.424:956\$640, ouro, e 37.244:300\$000, papel, as differenças de tipo de apolices dadas em pagamento e em substituição por letras 3.536:608\$900, papel, e a conversão de especie 6.329:308\$927. As despesas montaram, portanto, a 96.131:601\$562, ouro, e a somma de réis... 540.181:157\$134, papel.

O «deficite» seria assim, sem as operações de credito, de 244 de 200.000:000\$, papel e de 20.000:000\$000 ouro.

O Governo, tve, entretanto, em seu poder recursos para cobrir esses «deficites» e deixar mesmo saldo para o anno seguinte. Emitto 140.503:000\$000 em papel-moeda, 6.848:556\$847 em letras, ouro, e 8:6790\$000 em letras-papel; 62.793:200\$000 em apolices e a conversão em especie produzio 12.813:166\$894, papel. Foi o movimento dos saldos que deu a somma total.

Em 1917 as despesas totaes, ordinarias e extraordinarias, elevaram-se a 109.351:953\$959, ouro, e a 524.420:270\$917, papel, e as operações de credito exigiram 11.256:544\$738, ouro, e réis 10.408:600\$ para resgate das letras do Thesouro; 5.358:223\$ para differença de tipo das apolices dadas em pagamento e em substituição de letras e 6.000:000\$ para resgate de moedas subsidiarias, além de 13.288:129\$732, ouro, resultantes de conversão de especie.

As receitas ordinarias produziram o total de 66.245:463\$822, ouro, e 353.489:363\$410, papel.

Seriam, como se vê, insufficientes para acudir ás despesas. Os recursos de que o Legislativo dotou o Executivo tornaram porém, possivel a regularização de todas as contas.

O Governo, de accordo com as respectivas autorizações do Congresso, emitto 287.000:000\$ de papel-moeda, letras do Thesouro na importancia de 5.451:148\$133, ouro, apolices no valor de 63.865:900\$, papel, titulos do *fundings* na importancia de 23.229:062\$730, ouro, e a conversão de especie restituiu 31.182:940\$953.

Assim todos os pagamentos foram postos em dia e regularizados.

Numa época anormal como a nossa não se pôde pensar em equilibrar orçamentos por outra forma. Só a Inglaterra e os Estados Unidos não offiram papel-moeda como recurso para supprir a renda e fazer pagamentos; todos os outros paizes usaram largamente desse expediente.

Mas a propria Inglaterra emitto cerca de 200.000 libras de notas divislonaria, que são afinal papel sem encaixe perfeitamente correspondente e os Estados Unidos só não emitiram notas de varias especies como certificados do Thesouro.

aggravação e a criação de impostos sem não só exequivels neste momento, como seriam contraproducentes. Quando se precisa fomentar a riqueza, acelerar as fontes de produção, não se pôde cogitar de augmento de tributos. Todos reconhecem os inconvenientes das emissões; mas neste momento só esse recurso permittia equilibrar a vida financeira e a economia, alliviar o Thesouro e cuidar da protecção da lavoura, da industria e do commercio.

O Estado argentino, que não recorreu a esse recurso, duplicou os impostos e o seu debito ao Banco de la Nacion é de 600.000.000 de pesos.

Para liquidar os compromissos oriundos de administrações anteriores e regularizar a vida economica e financeira do paiz, não havia outra solução senão appellar para esse emprestimo in-

directo, para esse empreitimo que se distribue insensivelmente, que é em summa a emissão de papel-moeda.

Todos os outros governos, mesmo os das grandes potencias, com formidaveis reservas de ouro, usaram e usam desse expediente não só para acudir a despesas como para evitar o movimento da moeda metallica. Todo o mundo sabe que o papel-moeda não é um ideal, não deve ser um objectivo doutrinario; mas foi uma necessidade aqui como em toda a parte nesta época excepcional da historia.

15°—OS RECURSOS DA LEI DA RECEITA.

Por toda a parte, o estado das finanças publicas é factor de prosperidade ou de equilibrio economico e nos paizes do nosso typo social ainda mais cresce de importancia.

No Brasil, a questão orçamentaria é basica. Infelizmente ainda não se penetraram dessa realidade tão evidente. As leis de meios são votadas á ultima hora, no tumulto das sessões entre o Natal e a noite de S. Silvestre.

Em 1917, a Camara teve um criterio — o criterio da simplificação. A Commissão de Finanças realizou um trabalho util, limitando tudo que lhe pareceu demasado e contrariando tudo que pudesse redundar em augmento de despesa.

Esse methodo teve os defeitos de suas qualidades. Conduzido com excesso, levou a Camara a reduzir em demasia as dotações e assim, querendo fazer um orçamento sincero, real, poderia ter feito a lei de tal forma que determinasse forçosamente uma porção de creditos extraordinarios. E assim o esforço de simplificação seria contraproducente.

No estudo da receita, como já vimos, a Camara usou de um methodo mais ou menos igual. Havia na proposta do Governo um deficit de 72 mil contos. Não era possível crear impostos novos ou agravar os antigos. Como definiu muito bem o Sr. Antonio Carlos, Ministro da Fazenda, a phase do augmento ou agravamento de impostos deve ser, neste momento pelo menos, considerada encerrada. Assim, como vimos, reconheceu a Camara. Mas não quiz usar de recursos extraordinarios para acudir ás despesas ordinarias. E como desejava equilibrar a despesa com a receita, majorou com optimismo as previsões desta e cortou em demasia as dotações daquella.

O Senado obedeceu a outro criterio. Os seus relatores puderam á vontade mostrar como as provisões da Camara eram exaggeradas e como as dotações eram insufficientes. No plenário, o Senado, esperando a creação de novos impostos, augmentou as verbas, autorizou novos serviços e novas despesas. A exposição do Sr. Antonio Carlos definiu, porém, o problema que a tantos parecia obscuro e sem saída.

Sem augmento de impostos, sem agravar antigos tributos, o Sr. Ministro da Fazenda suggeriu a solução mais adequada e que se tornará

possível pelo fino tacto com que S. Ex. ultimou as negociações do convenio com a França.

O Senado, apesar disso, creou despesas novas, mas incluindo, como propuzera o Sr. Antonio Carlos, os recursos provenientes do convenio como receita, removeu todas as difficuldades. Como, porém, as despesas fossem maiores, a casa alta do Congresso não se contentou com o producto da indemnização que a França nos offerece como compensação da utilização dos nossos navios, operação que a lei do orçamento impropriamente registrou como arrendamento, e poz como receita o producto da emissão que o Executivo fica autorizado a realizar sobre as notas da Caixa de Conversão que adquiriu e possui. A Camara não emendou o projecto de lei da receita que o Senado lhe enviou e assim, nas suas linhas gerais, prevaleceu o excellento pensamento do Sr. Ministro da Fazenda.

Todos os paizes em guerra comprehendem a necessidade da divisão primordial das despesas ordinarias e extraordinarias. A Inglaterra nunca modificou a sua tradicional e sã politica, e vai consolidando as despesas provenientes da guerra á proporção que ellas adquirem caracter permanente. A França a principio confundiu tudo; agora tem um orçamento annual ordinario e orçamentos trimestraes de guerra.

O ideal orçamentario é um orçamento de rubricas e algarismos e não de autorizações e textos de lei. O Estado de S. Paulo, graças á prudente e severa disposição da sua ultima reforma constitucional e á sã sapiente direcção que á sua administração financeira vai imprimindo o Sr. Cardoso de Almeida, pôde já obter orçamentos que apenas consigam previsões e despesas fixas. A lei de meios para o corrente exercicio do grande Estado não contém autorizações nem recursos extraordinarios. É clara e emodelar no seu texto.

O orçamento federal conserva ainda sobrevivências, habitos, vicios que só com muito esforço e muito tempo poderão ser extirpados.

A lei de meios de 1918 apresenta, porém, um aspecto novo e que é de capital importancia neste momento.

Foi a feliz suggestão do Sr. Ministro da Fazenda que creou para os orçamentos no presente exercicio esse caracter original, de beneficios incontestaveis. Foi uma solução que nesta época de transição é de grande alcance e será de enorme repercussão.

Os Srs. Presidente da Republica e Ministro da Fazenda conseguiram, seguindo, uma uniforme politica de redução da despesa, accumular recursos que dão ao Thesouro uma situação relativamente folgada. O Convenio com a França veio augmentar a somma desses recursos.

Ora, nós passamos por periodo anormal da historia do mundo e do paiz. É preciso intensificar a produção, despertar as riquezas latentes do grande paiz que somos, abrir perspectivas novas á actividade nacional, proteger, amparar, fomentar, crear. Tudo isso não se poderia fazer se fossemos reduzir as despesas ás proporções da

receita ordinaria. Ao mesmo tempo, não seria logico e util augmentar ou desdobrar impostos. Não só a capacidade tributaria actual não suportaria esse gravame, como semelhante solução iria agravar a produção e inutilizar, portanto, todo o esforço de trabalho e de fomento.

A solução alvitrada pelo Sr. Ministro da Fazenda foi assim feliz e opportuna. Neste momento excepcional, usaremos dos recursos accumulados e dos recursos que o Convenio com a França nos proporciona.

Assim, a acção de protecção do Governo não será contraproducente; pedirá trabalho, mas não tribuará esse trabalho. Quando os recursos extraordinarios não tiverem razão de ser ou se agotarem, as rendas ordinarias já terão atingido ou ultrapassado o seu nivel normal e a multiplicidade das culturas já permitirá novos tributos sem pesarem sobre o contribuinte e inutilizar o seu trabalho. Então, as despesas ordinarias serão naturalmente feitas com a renda ordinaria e não teremos mais necessidade de appellar para recursos extraordinarios.

Nesta época de expectativa e de surpresas, de transição e de produção nova, a solução orçamentaria de recorrer a receitas extraordinarias é, porém, muito opportuna e será de resultados seguros, porque allivia relativamente os contribuintes.

Certo, o Senado, tendo creado despesas novas, não ficou na suggestão do Sr. Antonio Carlos e desdobrou em alguns casos os impostos de importação. Mas isso é um simples detalhe, cuja conveniencia merece analyse, mas que não contribuiu para obter o equilibrio orçamentario, porque a quota dos novos tributos será insignificante.

Todos os paizes tiveram de augmentar os encargos dos contribuintes. Na America Latina, as diversas Republicas estudam reformas fiscaes e a Argentina creou impostos nacionais de exportação.

Sob este ponto de vista, a nossa lei da receita apresenta aspectos novos, mas que serão de util repercussão e revelam singular prudencia dos administradores. Sem desorganizar serviços, sem agravar impostos, sem solicitar emprestimos, pudemos obter o equilibrio orçamentario, graças a uma reunião de recursos que, neste momento, são de feliz oportunidade e perfeita segurança.

16° — A POLITICA ECONOMICA DOS ORÇAMENTOS

A receita e a despesa contém sempre alterações que podem influir em toda a vida economica do paiz. São os principais vehiculos da politica dirigente e portanto só por seu intermedio é possível avaliar as tendências predominantes e as conjuncturas que se avolumam. Toda ou qualquer politica reflecte-se nas leis de meios, as quaes facultam a sua execução integral e como os impostos — mais por habito do que pelo direito escripto — são modificados mais nos orçamentos

do que nas leis especiaes só pelo estudo da receita podemos interpretar a significação das transformações promulgadas.

A maior parte das emendas incorporadas ao orçamento ou são feitas para solução fiscal, para produzir dinheiro, ou para proteger determinada industria ou região. Certo, na maioria dos nossos congressistas, ha relativa indifferença pelo aspecto geral e pela repercussão economica do que suggerem; tratam apenas ou de equilibrar o orçamento ou de attender a pedidos de interessados. Ha, porém, uma minoria intelligente que sabe o valor das medidas approvadas. Quaesquer que sejam, entretanto, os intuitos das disposições da receita dellas resultam principios que aos observadores da nossa politica não podem nem devem escapar. Queiram ou não queiram, os congressistas vão fazendo, com felicidade ou não, uma politica protectionista, mesmo que seja com a ingenuidade com que M. Jourdain fazia prosa.

Ha, assim, a lei da receita, disposições que podem ser divididas em categorias. Ha disposições de ordem simplesmente fiscal; ha outras que visam o protectionismo agricola, o protectionismo industrial, a reciprocidade commercial, a protecção ao commercio, a defesa eventual do consumidor; outras ainda procuram ajudar a educação popular e fomentar o progresso material.

Muitas dessas disposições constam ha muitos annos das leis da receita; outras são novas e vão ser applicadas pela primeira vez.

Não houve na elaboração dos orçamentos um principio director. Não houve discurso ou parecer que indicasse as medidas necessarias para formar uma acção de conjunto com um fim estabelecido. Foi tudo feito, mais ou menos, ao acaso. Mas, por isso mesmo, parece util coordenar todas essas disposições.

O orçamento não deveria ser o instrumento unico da legislação nesse particular. Mas a verdade é que é. Portanto, o que nos cumpre, diante do facto, é averiguar os seus intuitos e mostrar seus fins.

Na lei da despesa ha margem tambem para estudo dessa natureza. Mas a lei da receita é mais importante sob este ponto de vista. Alguns relatores da despesa formularam principios de ordem geral, mas ao estudar a receita senadores e deputados se se preoccuparam com a questão financeira propriamente dita.

Entretanto, a lei da receita tem grande importancia politica, economica e social. Creando, agravando, supprimindo impostos, estabelecendo isenções, o Congresso favorece ou onera determinadas classes, trata ora de amparar o produtor, ora de defender o consumidor. Na lei da despesa, a acção do Estado é directa; é de premio, de auxilio ou de installação de serviços protectores; é de estímulo e fomento.

A maioria dos congressistas é composta de proprietarios rurales ou de seus representantes. Ha, portanto, apesar de toda a obiteração doctrinaria, a tendencia de cuidar e de proteger a lavoura e a industria pastoril, o que allias é

o que as condições do paiz e do mundo estão indicando.

O Congresso não esquece, porém, sob o seu ponto de vista e dentro de seus moldes de agir, a industria e o commercio.

Certo, muitas dessas disposições não são convenientes ou opportunas e attendem a interesses de pessoas ou companhias. Mas é util e salutar destacar nesses artigos baralhados o que ha de douarina e de tendencias politicas.

Vamos começar pelas medidas que nos pareceram de simples necessidade fiscal, de necessidade de fazer dinheiro.

Mostraremos, apesar disso, a sua significação economica. Trataremos depois de coordenar as disposições tendentes a proteger a agricultura, a industria, o commercio e o progresso material e moral. Muitas medidas incluídas nessas analyses serão contraproducentes. Não nos compete agora examinar esse lado da questão. Queremos apenas accentuar as tendencias politicas e economicas da lei da receita.

Os principaes augmentos são de ordem fiscal: novos artigos incluídos na classe 11^a da tarifa em vigor, chromato e bichromato de sodio; o do sulfato de aluminio sem outra base no numero 308 da classe 11^a; o do sulfato de chromo; os direitos novos sobre saltos nós de madeira para calçado, sobre os acidos; a elevação das taxas para a acetona, acetatos de aluminio, acetatos de chumbo, de cobre, de ferro e de cal, de acido acetico glacial ou crystallavel, etc.; novas especificações para o artigo 124 das tarifas, novas rubricas para o artigo 173 (tintas); os novos direitos sobre melas de algodão ou fio de Escocia; as novas taxas e razões para certas qualidades de papel; os novos impostos e taxas de consumo sobre bebidas e sobre louças, alcatifas e tapetes.

O Congresso é proteccionista. A lavoura e a pecuaria foram directamente protegidas por uma porção de isenções e concessões — aliás justas e necessarias. As ferragens importadas por intermedio das alfandegas da fronteira do Rio Grande ficaram isentas de imposto enquanto perdurarem os efeitos da secca. Foram reduzidos a 8 % os direitos a cobrar sobre os machinismos destinados ás primeiras installações de usinas de fabricas de assucar e os machinismos e aparelhos para utilização dos sub-productos. Estão isentas de sello federal as operações realizadas pelas sociedades de credito agricola.

Os machinismos para todas as installações de frigorificos gozarão de isenção de direitos. O Governo é autorizado a tratar com os Estados interessados no sentido de acudir á crise da borracha, podendo, entre outras medidas, modificar a taxa de exportação cobrada pela União. Só pagará 8 % *ad valorem* todo o material necessario ás industrias de lacticinios. Continúa isento de direitos de importação o salitre do Chile destinado a adubo. O gado de toda a especie, que não for importado para matacaça immediata, en-

trará livre independentemente de quaisquer medidas fiscaes. Ficam isentas de sello as operações que os bancos populares e as caixas rurais, organizadas sob forma cooperativa, realizarem com agricultores e criadores. Os bancos de credito real e agricola não pagarão impostos sobre juros de emprestimos hypothecarios. Só pagará 5 % *ad valorem* os materiais e machinismos para usinas e moinhos para preparo, beneficiamento, transformação e conservação do trigo, cereas e outros productos agricolas destinados á alimentação. Gosará de isenção de direitos o oleo de petroleo bruto importado pelos lavradores para combustível de machinas agricolas. Ficam isentos do imposto de 5 % os emprestimos agricolas até o maximo de 3.000\$000. Os artigos manufacturados com borracha brasileira terão um regimen especial de favor.

O Governo federal fará a revisão das tarifas das estradas de ferro custeadas directamente pela União, reduzindo o frete de cereas, de sementes para as plantações, de machinas agricolas, e adubos para a agricultura e de arame farpado para cerca.

O Congresso votou e manteve medidas de protecção industrial. Continúa gozando de isenção do imposto de consumo a louça de pó de pedra manufacturada na fabrica de Santa Catharina, em S. Paulo. Esta isenção é extensiva á louça de pó de pedra e outros productos ceramicos de fabrico de Ameglio Rizzi & Irmãos, estabelecidos na Pedreira, municipio de Amparo, Estado de S. Paulo, ás fabricas de Santa Josephina em Jundiary e á da viuva Grandi & C., de S. Bernardo; fiação, outrosim, concedidos á fabrica de louça de Villa Colombo, no Paraná, os mesmos favores de que goza a de Santa Catharina, em S. Paulo.

A construção naval recebe tambem favores. O material fluctuante para o serviço de navegação dos rios e as peças metallicas importadas para a construção de navios e vapores em estaleiros nacionaes pagarão apenas 8 % *ad valorem*. Pagarão as mesmas porcentagens os aparelhos e accessorios destinados exclusivamente ás applicações industriais do alcool como força, luz e aquecimento.

O Executivo é autorizado a cobrar apenas 5 % *ad valorem* de direitos de importação sobre machinismos apropriados ao estabelecimento de fabricas de papel de imprensa para jornal, desde que se obriguem a usar como materia prima madeira nacional. E' isenta de todo e qualquer imposto a importação de material bruto necessario á construção de navios, aeronaves e automoveis.

O carvão de pedra e o oleo de petroleo, quando importados para servir de combustível, pagarão a taxa de 2 %, de conformidade com a circular do Ministerio da Fazenda n. 78, de 11 de Outubro de 1916. Desapparecem da lei da receita muitos favores ao carvão nacional, porque no anno passado foram promulgadas leis especiais a respeito. Assim mesmo ficam isentos de

direitos de importação e do expediente os machinismos destinados á exploração, beneficiamento e briquetagem de carvão nacional e os machinismos e aparelhos para a utilização dos sub-productos. Ha medidas especiais contra os commerciantes que vendem productos nacionaes como estrangeiros. Os electrodos e as chapas de ferro acetilhadas, chumbadas, zincadas, galvanizadas ou pretas, que se destinarem ao fabrico dos tambores para o acondicionamento do carbureto de calcio de produção nacional, continuarão a pagar 8 % do seu valor. Quando acondicionadas em recipientes de louça ou vidro, as conservas alimenticias pagarão o imposto de consumo pelo peso liquido legal, fixada em 30 % do peso bruto a taxa do envoltorio externo. Ficam isentos dos impostos de importação e de expediente os aparelhos destinados ao fabrico, destilagem e refinação de oleos vegetaes. Pagarão apenas 8 % *ad valorem* os machinismos e pertences de primeira installação, importados por individuos ou empresas que se proponham desenvolver as applicações do algodão e de fibras animaes e vegetaes no fabrico de linha de carretel e retrozes ou a utilizar os mesmos productos e os de côco babassu' em industria ainda não explorada ou em congêneres no paiz e para as industrias de oleos vegetaes e mineras extrahidas de productos nacionaes. Nas disposições de ordem fiscal ha algumas com tendencias proteccionistas.

Ha medidas visando a livre circulação e a protecção do commercio legitimo. Assim, o Presidente da Republica é autorizado a praticar actualmente em vigor no porto de Recife, para entrada e saída das embarcações e respectiva amarração e desarmarração, no sentido de uma necessaria redução. O material importado para a construção do novo edificio para a Associação Commercial de Pernambuco pagará apenas 8 % *ad valorem*. O commerciante de installação transitória, a *andarrubia*, pagará uma taxa fixa annual de 1.300\$000. «O Banco do Brasil e suas agencias constituem serviço federal e estão isentos de todo e qualquer imposto estadual e municipal.»

Ha na lei da receita disposições que visam a defesa eventual do consumidor e a reciprocidade commercial.

Assim, o Presidente da Republica é autorizado, como nas leis anteriores, a isentar de direitos aduaneiros, de que trata o regulamento que baixou com o decreto n. 8.592, de 8 de Março de 1911, as frutas frescas de procedencia argentina e as produzidas nos paizes americanos que offerçam vantagens tributarias á importação, em seus territorios, de productos brasileiros e cuja entrada o Governo permitiria independentemente de quaisquer outras taxas. Igualmente o Governo fica autorizado a adoptar uma taxa differencial para um ou mais generos de produção estrangeira, podendo a redu-

ção ir até o limite de 20 %, limite que para a farinha de trigo poderá ir até 30 %, desde que tais reduções sejam compensadores de concessões feitas a generos de produção brasileira, e especialmente a borracha e o fumo. As machinas proprias para torrar e moer café, quando importadas de paizes onde o café brasileiro tenha livre entrada, assim como as destinadas ao preparo das fibras nacionaes e fabricação de cordoalha, são equiparadas ás machinas agricolas. Como defesa eventual ao consumidor, o Congresso mantém a autorização ao Governo para modificar a taxa de impostos de importação, indo mesmo até permittir a entrada livre de direitos durante certo prazo para os artigos de procedencia estrangeira que possam competir com os similares nacionaes, desde que estes sejam produzidos ou negociados por *brasis*. As taxas aduaneiras actualmente cobradas sobre o bacalhão, banha, kerosene e xarque ficam reduzidas de 15 %.

Ha tambem disposições tendentes a proteger a educação e o progresso e fomento material e moral. Os papéis para jornaes entrarão livres de direitos. As chapas para cobertura de carros e vagões pagarão a taxa de 150 réis o kilo, razão de 20 %. O Presidente da Republica é autorizado a conceder isenção de direitos a empresas que se propuzerem construir varias linhas de *tramways* no interior, a reduzir as taxas terminaes dos telegraphos, a conceder passagens com abatimento de 50 % na Estrada Central aos professores e alumnos das escolas municipaes, a isentar de direitos varios medicamentos. Ficam tambem isentas de direitos as embarcações esportivas, o material para construção de templos, o material para as primeiras installações publicas de luz, força, viação urbana e calçamentos; terá abatimento de 50 % o imposto de importação dos materias destinados á construção de um hospital e um hospicio em Manaus; é concedida franquia postal á Directoria do Congresso Geographico a reunir-se em Bello Horizonte, á Liga da Defesa Nacional e á *Revista do Supremo Tribunal*. Fica isento dos pagamentos de taxas alfandegarias o material esportivo (o orçamento diz *desportivo*) importado directamente pelas sociedades de football e remo. Fica tambem isento de direitos de terarios, politicos e artisticos.

Pagarão 5 % *ad valorem* (qua será o da factura) o material escolar para escolas publicas primarias e gratuitas importado pelos governos dos Estados, do Districto Federal e dos municipios, o material destinado á construção da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro e finalmente os artigos directamente importados consumo e expediente o papel destinado á Imprensa Associação Brasileira dos Escoteiros de São Paulo e outras congêneres, uma vez que estes artigos tenham marcas indestructiveis que os tornem absolutamente inajustados a qualquer outro emprego.

17° — A NOVA POLITICA DO MINISTERIO DA FAZENDA

Os esforços das classes productoras e commerciaes para auxiliar e informar os poderes publicos no encaminhamento de soluções que a situação anormal do mundo veio criando encontrou a principio difficuldades na orientação da pasta da Fazenda. A alta superior tendencia do Sr. Presidente da Republica não era sufficiente para tudo reparar e emendicar.

Por isso, o Sr. Antonio Carlos, quando em Setembro entrou para o Ministerio, teve de dar nova feição a politica da Fazenda. Começou de facto, visitando a Associação Commercial, a Liga do Commercio, o Centro Industrial e a Sociedade Nacional de Agricultura, mostrando logo como era conveniente e proposital o seu intuito de approximar a politica do Governo das Associações que representam as grandes classes conservadoras e productoras.

O mundo atravessa a crise maior da historia. As correntes commerciaes tendem a outros rumos e tudo se prepara para novos delineaamentos e intercambios.

Os grandes problemas economicos e financeiros exigem soluções rapidas e immediatas, porque os acontecimentos se precipitam no tumulto da guerra.

O Brasil convalescia de uma grave crise economica e financeira, quando a conflagração europea veio tudo modificar e perturbar. O país reagiu, e, graças ao esforço anonymo do trabalho nacional, ao espirito ponderado e á solidariedade das nossas classes productoras e do commercio, as maiores difficuldades foram removidas e o Governo pôde ir aos poucos liquidando compromissos, cujo abandono prejudicaria grandemente o movimento natural dos negocios.

Tivemos de modificar as concepções que vinham dirigindo a nossa vida economica e financeira. O preparo e o aparelhamento tecnico do país foram estimulados por grandes saques sobre o futuro e a imigração de capitães europeos serviu de lastro a todos os empreendimentos.

A guerra determinou novas condições e, diante da situação que se desenrolava, ou tínhamos de reagir, fomentando o intercambio interior e exportando novas classes de productos, ou tudo paralisar e entorpecer. Reagimos. As classes conservadoras comprehendem a situação excepcional que atravessava o mundo e o Brasil e foram criando, nas suas antigas e tradicionais associações e em novas ligas e gremios, o espirito necessario para conduzir a adaptação que o momento aconselhava.

Todos os problemas, que as novas condições economicas e financeiras, formaram, foram discutidos com seriedade e boa vontade e nas associações de commerciantes, lavradores e industrias as soluções propostas visaram sempre conciliar o interesse das classes que representam e que é afinal o interesse da economia nacional,

com a justa preocupação do Governo em resolver as difficuldades financeiras que herdara de um periodo de megalomania e de desperdicio o que precisava liquidar para normalizar o serviço da divida e honrar a palavra do país.

Na Associação Commercial, na Sociedade Nacional de Agricultura, no Centro Industrial, na Liga do Commercio e nas outras sociedades que se formaram com fim especial, nasceu um espirito novo que o Sr. Antonio Carlos, sentiu e comprehendeu e que agora quer com razão aproveitar para o bem do país. A gravidade da crise despertou a consciencia das classes productoras, que começaram a fazer politica, não a politica dos politicos profissionais, a politica dos chefes eleitoraes, mas a verdadeira politica de discussão e solução dos grandes problemas economicos e financeiros. Foi uma corrente de opinião salutar, que por mais uma vez em evidencia a conexão necessaria entre a economia nacional e as finanças publicas.

A influencia que a acção da Associação Commercial, do Centro Industrial, da Sociedade Nacional de Agricultura e da Liga do Commercio e de outras associações congêneres vem exercendo na systematização da produção nacional, na orientação de todas as classes que trabalham e produzem, tem sido grande e benefica; e as preocupações de classe nunca afastaram de suas representações e suggestões a noção do supremo esforço nacional.

O interesse nacional provém, afinal, da harmonização dos interesses das diversas classes, e os orgãos legitimos dessas classes são, portanto, interpretes naturais das necessidades do país e, por isso, o verdadeiro estadista não deve desprezar ou recuar as suas reclamações ou reivindicações e precisa aceitar, num dado momento, a sua contribuição valiosa na solução dos problemas de occasião.

O Sr. Antonio Carlos criou uma politica nova e salutar na pasta da Fazenda, procurando o contacto das grandes associações que são orgãos das principais classes conservadoras do país. Visitando, discursando nas sedes das associações, trocando idéas com os seus directores, respondendo, as moções significativas com officios cheios de bom senso patriótico e de noção exacta das necessidades do momento S. Ex. abriu perspectivas novas para uma cooperação que só será benefica ao progresso economico do Brasil.

A situação actual do mundo exige para os problemas que se apresentam soluções immediatas e promptas. Não ha mais tempo para estudos demorados e adiantamento de alvitres, porque tudo val-se modificando e remodelando ao influxo de formidaveis acontecimentos historicos.

Para agir nesta epocha excepcional precisa, portanto, o estadista, mais do que em outro qualquer momento, de estar em contacto com os legitimos orgãos das classes que representam a fortuna publica e a produção do país. O Sr. Antonio Carlos inaugurou essa politica, mostrando assim

que ouvirá sempre os que lidam de perto com os que trabalham e que a sua orientação se moldará sempre pelo interesse do Brasil, que é o interesse da sua produção e de seu commercio.

Os Ministros da Fazenda estiveram até agora ahiellos e hostis ao esforço que as associações das classes conservadoras desenvolvem para systematizar e facilitar a solução dos problemas economicos e financeiros. O Sr. Antonio Carlos faz politica nova, iniciando communicações directas entre o commercio, a industria, a lavoura e os poderes publicos.

18° CONDIÇÕES ECONOMICAS EM 1917

A deficiência de toneladas, a alta de combustivel, a carestia dos fretes, o augmento dos impostos, das taxas de seguros e a gradual elevação do custo da vida crearam para o commercio uma porção de difficuldades.

A proverbial honestidade das nossas praças resistiu, porém, a esses embates; soube-se adaptar com habil intelligencia ás circunstancias, aproveitou e canalizou as correntes novas que se formavam e assim em pouco tempo a vida commercial renasceu, o numero de falencias e concordatas decresceu, o enjôlo de novas sociedades commerciaes augmentou de 1916 para 1917 e, apesar de todos os desequilibrios provocados pela guerra e pela crise de transporte, a situação tendeu para uma relativa normalidade.

As industrias augmentaram de produção; as industrias crearam novos modelos e as produções se multiplicaram. As novas correntes commerciaes formaram outros movimentos financeiros e em relação ao estado actual do mundo e do país, que é ainda de convalescência, as condições geraes não foram más, excluindo, já se vê a crise dos nossos principaes artigos de exportação.

Apezar dessa crise, não houve desequilibrios profundos. O auxilio do Estado contemporizou o negocio do café e as condições economicas em 1917 não foram assim inferiores ás do anno anterior.

Confrontando as estatísticas referentes a diversas manifestações da actividade do país em 1917, notam-se por toda a parte saltaes symptomas de esperanças e progresso.

O movimento bancario augmentou; as diversas rubricas dos balancetes dos nossos estabelecimentos bancarios demonstram que no correr do anno de 1917 e nos principios deste as caixas se reforçaram, os depositos cresceram.

O capital das sociedades commerciaes constituidas durante o anno foi maior do que o dos annos immediatamente precedentes, e se a formação de novas companhias fica aquém ás estatísticas de exercicios anteriores, a totalidade dos dividendos distribuidos revela prosperidade incontestavel dos diversos ramos da industria manufactureira.

As entradas das Caixas Economicas foram tambem outro phenomeno animador, registrado em 1917. A grande crise de 1913 provocou um

retrahimento, que a falta de capitães circulantes explicou. O numero e o valor das retiradas subiram e as entradas minguraram. Depois, pouco a pouco, a reacção veio se fazendo; em 1916, o equilibrio foi mais ou menos restabelecido e em 1917 a quantidade e o numero de entradas superaram á quantidade e o numero de retiradas. Isso demonstra que ha maiores disponibilidades entre os pequenos empregados, entre os operarios e os capitalistas modestos.

Nos proprios países belligerantes da Europa, nota-se movimento igual. E' que a guerra proporcionou salarios altos nas fabricas e nas minas, e tanto a carestia da vida não inutiliza a proporção da elevação das tabellas, que os depositos nas Caixas Economicas augmentaram, revelando saldos nos orçamentos dos trabalhadores e pequenos empregados.

O mesmo se deu no Brasil, por motivos e causas diferentes.

Ha assim disponibilidades, pequenas, é certo, mas muito maiores do que as dos outros annos do quinquennio.

As Caixas Economicas poderiam ter sido um elemento de distribuição de credito, aproveitando os proprios recursos formados pelo povo. A legislação, que vem dos meados do esculo passado, foi feita, porém, sob concepção diversa e assim tudo tem sido subordinado a um criterio de restituir o que o pobre quer guardar. As entradas passam a receita do Estado; as retiradas são inscriptas como despeza.

O Governo de S. Paulo organizou as suas Caixas Economicas sob outros principios. As Caixas Economicas vão accumular capitães para fecundar o movimento economico das proprias regiões a que servem. E' uma experiencia cujos resultados devemos esperar com sympathia.

As Caixas Federaes precisam de uma reforma. Essa reforma não pôde ser feita de um momento para outro, porque a totalidade dos depositos ultrapassa de 200 mil contos.

O periodo de transição entre a confusão com os serviços do Thesouro e a independencia é de tão difficil regulamentação, que só depois de largos estudos e varias experiencias poderemos recomendar qualquer tentativa de remodelação. Em principio, porém, o regimen actual não merece apoio.

O augmento das transacções bancarias em 1917 foi muito significativo. Segundo os dados da *Parte Commercial do Jornal*, em Janeiro, o dinheiro em caixa nos diversos bancos do Rio de Janeiro montava em 132.743.914\$45, quando era ainda recente o influxo dos adiantamentos feitos pelo Governo Federal; em Junho, a rubrica accusava 114.220.453\$214; mas em Dezembro, naturalmente, pelo proprio curso dos negocios, o total se elevou a 134.221.815\$914.

As letras e titulos descontados que em Janeiro importavam em 106.012.850\$827, em Dezembro subiram a 143.642.118\$868. As letras e effectos a receber e para cobrar passaram de 120.700.000\$458 a 145.629.939\$515.

As contas correntes diversas e empréstimos mostraram o desenvolvimento das disponibilidades. Somaram 157.214:366\$268 em Janeiro, e 184.827:688\$880 em Dezembro.

Os depósitos a prazo e diversos, que eram de 46.056:205\$455 em Janeiro, subiram a réis 55.338:604\$822 em Dezembro.

Os preços extremos das apólices estiveram entre 780\$ a 795\$ em Janeiro, e subiram a 820\$ e 840\$ em Dezembro. Só em 1913 e 1914 e daí para trás houve cotações mais altas nas médias. Depois da crise de 1913, provocada também pelas saturações dos mercados, não tivemos preços tão altos.

As apólices de 1903 estiveram um pouco mais baixas do que nos annos immediatamente anteriores.

Em Novembro de 1916, o activo de todos os bancos do Brasil, era de 3.344.850:000\$; em Novembro de 1917 era de 4.625.361:000\$000.

As letras descontadas montavam a réis 304.078:000\$ em Novembro de 1916; subiam a 389.028:000\$ em 1917. As letras a receber accusavam um total de 319.717:000\$ em 1916 e de 361.969:000\$ em 1917. Os empréstimos em conta corrente, que appareçam nas rubricas das estatísticas de Novembro de 1916 com réis 447.407:000\$, apresentavam um anno depois um total de 546.949:000\$000.

A caixa em moeda corrente, que em 1916 accusava 344.582:000\$, em 1917 registrava réis 382.635:000\$000.

Pode-se dizer, portanto, que o país está mais desafogado e que já ha mais disponibilidades e recursos, apesar da crise dos nossos principaes artigos de exportação.

A produção das fabricas augmentou e de tal forma que, no consumo de artigos similares aos do seu fabrico, superaram em quantidade aos que tivemos de importar.

19º — CREDITO AGRICOLA

Os que estudam as questões agrarias e commerciaes accentuaram no correr do anno a propaganda a favor do credito agricola.

Nas associações da lavoura e do commercio tratou-se muito do assumpto.

No Congresso diversos alvites appareceram e o Senado chegou a enxertar nos orçamentos uma emenda creando um banco central de credito agricola.

Comprehendeu-se, afinal, de accordo com o verdadeiro criterio economico e o bom senso, que não seria conveniente precipitar soluções que riam occasionar prejuizos maiores. O Governo Federal forneceu 150.000 contos ao Governo paulista para amparar o café e fez com que o Banco do Brasil auxiliasse as praças do Pará e Amazonas com 15 mil contos, affim de alliviar as difficuldades oriundas da falta de transporte para a borracha. Isso não é bem o credito agricola; mas é uma intervenção decorrente da crise.

ciencia do credito agricola. Nas circumstancias actuaes não se poderia proceder de outro modo.

Para amparar a lavoura em geral, de accordo com o Governo, o Congresso, rejeitando a emenda creando o Banco Central de Credito Agricola, autorizou ao Excecutivo a auxiliar os agricultores pela distribuição de credito até vinte mil contos por intermedio do Banco do Brasil. No despacho de 15 de Janeiro de 1918, o Sr. Presidente da Republica, de accordo com os Srs. Ministros da Fazenda e da Agricultura, determinou se iniciasse o mais cedo possivel o auxilio á agricultura por meio do credito fornecido pelo nosso principal estabelecimento de credito.

A nossa agricultura soffre muito por falta de credito.

Lavradores, chefes de boa vontade, possuidores de vastas terras, são obrigados muitas vezes a abandonar projectos de remuneradoras plantações por não terem á disposição elementos de credito necessarios para os primeiros trabalhos.

O credito rural, para ser completo, exige uma porção deapparehos de distribuição e contracção.

O Governo federal norte-americano, para intensificar a produção, teve necessidade, apesar da organização já existente, de auxiliar os bancos regionaes e de ampliar e ligar todo o systema de credito rural.

Uma lei de Setembro creou, nos Estados Unidos, os Bancos Federaes Territoriaes, cujo objecto exclusivo é expedir *bonuses* especiaes agricolas, cujo producto será integralmente destinado a empréstimos aos pequenos agricultores com o juro de 5 por cento e com todas as facilidades.

No primeiro momento o publico absorveu apenas 30.000.000 de dollars de *bonuses*, mas o Governo Federal espera obter em pouco tempo 100.000.000 de dollars.

Até 30 de Setembro do anno passado o numero de empréstimos solicitados pelos agricultores attingio a 34.310.052 dollars, correspondendo a maior parte a Nova Orleans, cujas excepcionaes condições de agricultura, principalmente quanto ao algodão e á canna de assucar, dão-lhe preferencias nos auxilios que estão sendo distribuidos.

O comitê dos bancos agricolas já tinha approvado cerca da metade dos empréstimos solicitados.

O funcionamento dos novos bancos se baseia principalmente na facilidade de emitir *bonuses* agricolas hypothecarios em uma quantia que vai de 100.000.000 a 150.000.000 de dollars. affim de distribuir fundos para acudir os pequenos cultivadores.

Os *bonuses* dão um juro de 4 1/2 por cento annual, estão isentos de impostos federaes e locais, com excepção dos de successão e da renda. Como os empréstimos são uniformemente feitos a 5 por cento, fica para os bancos um lucro il-

quido de 1/2 por cento, que se destina á sua manutenção.

Os titulos que os bancos emittem devem ser hypothecados, tendo como garantia fundamental o que se apurar no recenseamento como propriedade territorial na zona em que os estabelecimentos vão funcionar. Esta clausula legal é de grande importancia para o publico, cujas economias se empregam na aquisição desses *bonuses*, porque elles estão assim perfeitamente garantidos. Por outro lado, essa garantia offerece difficuldades: a verificação da avaliação e a apresentação de legitimos titulos de propriedade da parte dos agricultores.

Para diminuir esses inconvenientes, o comitê dos bancos territoriaes resolveu instituir um registro de documentos, segundo o qual bastará uma informação testemunhal authentica e de honorabilidade notoria para que o certificado possa ser considerado como prova sufficiente de propriedade.

Segundo as disposições da lei que regem o funcionamento dos novos bancos agricolas, o prazo dos empréstimos deve ser de um anno, porque as sommas que se adiantam aos agricultores têm por fim exclusivo os auxiliar no plantio, sementeira e na colheita. Apesar d'isso, a mesa directora de cada banco pôde prorogar o prazo dos empréstimos, depois de um imparcial inquerito das condições das culturas em questão.

O agricultor que pagar o seu empréstimo no fim de um anno terá maiores facilidades para obter outros e em casos especiaes poderá então conseguir fundos para obra de adaptação, irrigação, aquisição de machinas, sendo concedido um regimen de annuidades successivas.

Os novos estabelecimentos de credito hypothecario territorial estão distribuidos nas doze cidades seguintes: Springfield, no Estado de Illinois; Baltimore, no de Maryland; Colombiá, Ohio; Louisville, no Kentucky; Nova Orleans, na Luisiana; Saint Louis, no Missouri; S. Paulo, no Minnesota; Omaha, no Nebraska; Wichita, no Texas; Houston, no mesmo Estado; Berkeley, na California, e Spokane, no de Washington, repartidos em districtos bancarios, cujos rendimentos devem ser mais seguros e cujas necessidades devem ser maiores.

Todos os paizes europeus e americanos, que já tenham uma vasta organização, tratam agora de desdobrar seus serviços, intervindo os governos por todos os modos.

O Banco de la Nacion fornece facilmente na Argentina fundos aos agricultores. Mas é preciso não esquecer que o Banco de la Nacion tem na capital e nas provincias 176 agencias, e um capital de 124.000.000 de pesos papel e tinha em deposito em Outubro do anno passado 3.791.827 pesos ouro e 719.329 pesos ouro. Só ao governo nacional argentino já emprestou nos ultimos annos de crise 800.000.000 de pesos!

Mas a Argentina inicia também a grande obra; o seu appareho é deficiente; os recursos

de seu principal banco é que são maiores e permitem, portanto, que a sua intervenção seja feita em larga escala.

Os organismos complexos dos Estados Unidos, da Alemanha, da Dinamarca, da Hollanda, de certa região da França, da Inglaterra, da Australasia é que são o ideal no assumpto.

Mas no Brasil não podemos tratar ainda da acção immediata de organismos assim complexos. Precisamos estudar o assumpto, fazer experiencias, estimular a iniciativa privada. Nos Estados Unidos, os membros do Comitê de Defesa Nacional e os dos Bancos Territoriaes realizam *meetings*, procuram congregar sociedades e forças para desenvolver o credito agricola. Vão viajando pelo interior, falando e reunindo elementos para formação de cooperativas e bancos.

No Brasil, pode-se dizer que ainda está tudo por fazer. Ha um outro banco regional; uma ou outra caixa agricola, uma ou outra cooperativa. Mas sob um ponto de vista geral o que ha é tão pouco que não ha exagero em affirmar que ainda não temos nada.

Assim, não seria possivel formar de um só impulso um systema complexo que em outros paizes, com outra riqueza e outra organização, tantos annos de esforços precluiu, mas que assim mesmo exige continuos aperfeiçoamentos.

Necessitamos de ensaio, de experiencia. Por isso, convém que aproveitemos apparehos já existentes e que os saibamos formar com os elementos de credito de que a agricultura tanto carece. A solução de incumbir o Banco do Brasil dessa tarefa foi a melhor e a unica viavel e realizavel nas actuaes circumstancias. O Banco está sendo dirigido com competencia e austeridade e o Sr. Homero Baptista e seus companheiros de directoria têm sabido ampliar com proveito para o país, os serviços do nosso principal estabelecimento de credito, cuja agencia tem auxiliado o renascimento economico de muitas regiões brasileiras.

Assim, o credito rural, entregue á superintendencia do Sr. Dr. Homero Baptista, é uma garantia de rectidão, respeito aos verdadeiros recursos e idoneidade dos pretendentes. E só isso seria o melhor argumento em defesa da solução.

Mas ha outros, de ordem geral. E' que o Banco já tem os serviços organizados, garante assim a execução, o exito das operações.

Ficou resolvido que o Banco dispuzesse de 20 mil contos para empréstimos aos agricultores, que serão feitos á vista dos conhecimentos de productos agricolas, *warrants*, redescoto de titulos e sobre promissorias devidamente emittidas pelos agricultores. Os estatutos do Banco exigem, porém, a garantia de duas firmas commerciaes para as promissorias e o prazo de seis meses.

Certo, a quantia a empregar no credito agricola é insignificante. Para a vastidão do Brasil

a imo-facção é tão pequena que se pôde dizer que não terá o menor effeito economico e geral. Auxiliará lavradores e não a lavoura. Temos, porém, a experiencia de antigas tentativas de largas aspirações e que fracassaram desgrazadamente. Certo, a exigencia de avalletas é penosa e difficil para os agricultores e a estreiteza do prazo é de tal forma, que tira aos emprestimos o verdadeiro caracter do credito agrícola, porque não dá margem para o agricultor obter da applicação dos capitales emprestados os resultados que deseja. Ao demais, o limite do emprestimo a 5.000\$ reduz as possibilidades. Mas isso tudo resulta dos estatutos do Banco e o limite dos emprestimos provém da necessidade de espalhar o mais possível, dividir por maior numero e entre os mais modestos os beneficios da intervenção.

O auxilio servirá, portanto, a alguns, dará experiencia, confiança e irá indicando a necessidade da criação de uma carteira agrícola no Banco do Brasil. Para que o Banco possa exercer, porém, em toda a sua amplitude essa função é necessario que tenha os elementos que caracterizam todos os grandes estabelecimentos centrais dos países civilizados.

O que se resolveu fazer em 1917 não deixou assim de ser util. Foi um inicio auspicioso, que attendeu as contingencias do meio e se apoya em base sólida. Não havia recursos para obra mais ampla; mas nem por isso o esforço modesto perdeu a sua utilidade.

E' de esperar que se saiba aproveitar das circunstancias, creando com a remodelação do Banco um órgão de propulsão, capaz de desenvolvimentos, evitando assim os erros antigos de auxilios esporádicos, passagelos e contraproducentes.

20° — O PROBLEMA DE AMPARO A PRODUÇÃO

A guerra, deslocando as correntes commerciaes, criou novos problemas de produção e exportação. A situação do mundo está mostrando que não ha mais lugar para os povos desprocurados e inconvenientes e que é preciso agir, organizar, robustecer a população, enriquecer o país para não ser victima das emboscadas gananciosas, dos imperialismos presentes e futuros.

Só a independencia economica dá os elementos para a completa e perfeita organização commercial. Para isso é necessario attender a circunstancias historicas e não deixar passar as oportunidades.

O Brasil, para prosperar, carece de credito facil, de viação e de ensino. O credito em todas as suas modalidades. A viação, desde a navegação maritima e fluvial e dos caminhos de ferro, ás estradas de rodagem e aos caminhos vicinaes. O ensino, desde das generalidades universitarias, desde da instrução profissional superior ao adextramento manual, á assistencia, á distribui-

ção de noções pelos homens dos campos, á educação elemental.

A guerra abriu perspectivas novas. Não soubemos em tempo, immediatamente, acudir a novas necessidades. O país reagiu sozinho, o homem do interior, anônimo e desprezado, trabalhou, produziu mais e sem auxilio do Estado e da elite, começou a reparar a crise que os outros tinham fomentado. O commercio recebeu todos os choques de desequilibrio provocados pela depreciação dos nossos productos de exportação, pela megalomania interessada de uma administração que passou e com sua proverbial honestidade, sem sacrificios inauditos, suportando onus cada vez maiores, lutando com embaraços de viação e falta de praça, conseguiu construir as novas correntes commerciaes que impediram que a crise dos nossos aspectos primordiales redundasse numa catastrophe para o país. Os Poderes Publicos foram pouco e pouco comprehendendo dever de intervir para proteger, estimular, amparar, melhorar a produção do país.

O Ministerio da Agricultura é o centro natural do fomento das novas fontes de riqueza.

E' o Ministerio da Natureza e é da natureza que temos de tirar tudo, porque ella é rica e convenientemente explorada, dá tudo. E' tambem o Ministerio da Industria, da actividade manufacturiera que já é e será sempre um dos grandes elementos da nossa fortuna. E' o Ministerio do Commercio, da livre circulação, do intercambio, da facilidade fecunda de transacções.

Nos ultimos mezes do anno de 1916 e nos primeiros de 1917, o Ministerio da Agricultura não desenvolveu actividade nova. O Sr. José Bezerra precisou de calma para normalizar o que havia sido baralhado, confundido, prejudicado e inutilizado. Realizou, de facto, uma obra util de simplificação. Numa época de crescentes restricções de despesa, diminuiu progressivamente, de accordo com o programma presidencial, os encargos do Ministerio, sem desorganizar nem supprimir servicos.

Quando o Sr. José Bezerra deixou o Ministerio para se desincompatibilizar nas eleições em que foi candidato, o Sr. President da Republica comprehendeu que as exigencias da nova attitude internacional no Brasil e da produção em geral indicavam um programma de trabalho intenso e de estímulo real. Por isso, convidou para succeder ao Sr. Dr. José Bezerra o Sr. Dr. Pereira Lima. E essa nomeação foi significativa. Indo buscar fóra da politica militante o Ministro da Agricultura, o Sr. Presidente definiu o programma a realizar. O Sr. Pereira Lima, Engenheiro, negociante, Presidente da Associação Commercial do Rio de Janeiro, homem illustrado, economista, que publicara no *Jornal* um estudo sobre questões commerciaes no mesmo dia em que foi convidado para Ministro, allia á pratica uma condição perfeita sobre os assumptos da pasta.

A situação está aconselhando uma acção efficaç para canalizar, aproveitar e que o proprio Trabalho anônimo começar a indicar.

O Sr. Pereira Lima começou a trabalhar. De accordo com o Sr. Presidente da Republica, dentro de autorizações legislativas e das verbas diminutas de que dispõe, em pouco tempo espalhou medidas de utilidade e de estímulo. Fez do delegado do Governo junto ao *Comité* de Produção Nacional o centralizador de um serviço de propaganda, de distribuição de sementes e de conselhos. Cuidou, assim, prometendo e garantindo o preço mínimo, do desenvolvimento da cultura do feijão, do milho, do arroz. Creou um serviço de propaganda e distribuição de sementes de trigo e fez tudo de tal forma que espera que a futura saizra já compense o esforço e inicie um movimento que será de fecundas vantagens para a economia nacional. Estabeleceu premios novos de estímulo para a criação de sultos e caprinos e mostrou como temos recursos para desenvolver esse ramo pastoril que nos pôde fornecer muitos elementos de riqueza nova. Protegeu a plantação de eucalyptus, de-tamando premios e vantagens para os seus plantadores. Obteve o transporte gratuito, nas estradas e navios da União, de reprodutores, sementes e instrumentos agrarios. Transferio para Niteroi, aproveitando um intelligente offerecimento do Sr. Presidente do Estado do Rio de Janeiro, a Escola Superior de Agricultura e Veterinaria, que em Pinheiros adormecia, decolia e se atropelava.

O Sr. Pereira Lima não se desculpou do ensino agrícola. Deu outro desenvolvimento ás Escolas de Artífices. Comprehendeu que, num país em que a lavoura sempre se queixa da falta de mão de obra, o que faltava de facto era principalmente o trabalhador intelligente e preparado. Assim resolveu crear no Campo de Demonstrações de Deodoro um patronato para jovens; resolveu estabelecer em Pinheiros um Instituto com o mesmo fim e mais vastas propoções e autorizou a todos os nucleos coloniaes, postos zootecnicaes e campos de experimentação a abertura de um dado numero de alumnos, internos e gratuitos. Assim esse ensino agrícola será tambem uma obra de assistencia, uma assistencia moderna que restituirá á sociedade elementos saudios de trabalho.

Os menores, desamparados ou pobres, encontrarão assim estabelecimentos que os acolherão, darão com o tempo o salario proporcional ao seu trabalho. E o país terá novos trabalhadores agricolas, aparelhados com os conhecimentos indispensaveis.

O Sr. Pereira Lima poderá assim dar assistencia, ensino elemental, preparo e capacidade tecnicos a mais de 2.000 rapazes. E' uma obra utilissima e que se irá desenvolvendo e que prestará grandes servicos á renovação do trabalho agrícola no Brasil.

21° — O SALDO DA EXPORTAÇÃO

O saldo que conseguimos no commercio de exportação é a expressão de um trabalho formidavel, que prova a energia da nossa raça, mas é assim mesmo muito menor do que em outras circunstancias poderíamos obter. Ao demais, é preciso manter illusão quanto ao saldo das estatísticas de exportação e importação. Desse saldo ha a deduzir muita coisa.

Parte d'elle fica nas mãos das empresas de transportes e de seguros e outra parte ainda serve para pagar juros de capitales particulares e outras despesas no exterior, além das dividas publicas, cujo movimento é visivel e cujos recursos transportados ou compensado conhecemos sufficientemente bem.

Ha ainda a consignar uma circunstancia especial: muitas empresas norte-americanas estão comprando café e outros productos que vendem na grande Republica do Norte para com o producto dessa venda regularizar o seu serviço de accões e debentures. Assim, a exportação dessas mercadorias, não corresponde saldo de ouro.

Isso tudo prova que o saldo real do nosso commercio exterior é muito menor do que as estatísticas consignam. Ora, esse saldo nominal seria, no caso que fosse real, insufficiente para acudir ás nossas necessidades no exterior.

O *deficit* da nossa conta está facilitando tambem a emigração da prata amoeada, que vai desaparecendo do mercado. A prata está sendo altamente cotada em todo o mundo.

As nações em guerra estão pagando as suas tropas, que operam em países allados, em prata, porque retêm nos seus grandes bancos todo o ouro que possuem. Ha assim maior necessidade de prata e o precioso metal branco vai tendo maior procura. Ao demais, a nossa moeda de prata tem agora — ainda mais do que quando foi cunhada — valor intrinseco superior ao seu valor official e as abundantes emissões de papel-moeda contribuíram para accentuar ainda mais essa relação de valores. Assim a situação economica apresenta aspectos interessantes e dignos de um estudo logicamente encaminhado para as soluções necessarias. O que as estatísticas demonstram é que o preço médio por unidade da nossa exportação diminuiu em relação aos nossos artigos e principaes productos, mas que quanto aos productos novos, aos productos que a guerra vai valorizando, a alta é evidente e pronunciada. A conclusão a tirar é, portanto, que, protegendo, amparando, garantindo e procurando novo mercado para os nossos antigos artigos, que ainda são a base da nossa exportação (café, borracha, mate), precisamos multiplicar as culturas e intensificar principalmente a produção dos artigos que tendem para alta, cereaes, assucar, textis, óleos, fructos para óleo, productos e sub-productos da pecuaria, minérios, madeiras. A recommendação do Sr. Presidente da Republica foi, portanto, muito oportuna. Cumpre, porém,

agir no sentido de facilitar essa produção que já vai aumentando em virtude do proprio estímulo da alta dos preços.

O nosso agricultor do interior lutou sempre com as dificuldades de transporte e com os fretes, que absorvem o preço de seus productos. Assim, as nossas condições sociais crearam em muitas zonas do país a seguinte situação, aparentemente paradoxal: o lavrador não planta, tanto quanto desejava, porque não tem elementos para poder chegar a sua safra ao mercado consumidor. Só a alta compensa a despesa de transporte e, por isso, a alta dos cereaes despertou o nosso homem do interior, que vai produzindo cada vez mais, num movimento satutar que nos deve encher de confiança na capacidade de trabalho da nossa gente. Por todo o país multiplicam-se as culturas. Ora, como não é possível compreender como ideal a alta dos generos de primeira necessidade, convém tratar da facilidade da sua vehiculação; só assim poderá chegar a preços módicos aos mercados consumidores, sem prejuizo para o produtor. E' preciso cuidar, portanto, da construção de caminhos vicinaes, interessando Estados e Municipalidades na solução desse grande problema nacional. Ao mesmo tempo, é necessario desenvolver o serviço de informações aos lavradores e auxiliar a Sociedade Nacional de Agricultura, que tanto já tem feito, sem ter merecido na devida proporção o amparo official.

Ao discutir a questão dos preços, nunca é demais repetir que, na actual situação do mundo, a cotação dos generos de primeira necessidade no Brasil não é exagerada; ao contrario, na maior parte dos artigos, os nossos preços são inferiores aos da Europa, dos Estados Unidos, da Argentina, do Uruguay, e em nenhum é permanentemente superior ou mesmo equivalente. Precisamos, entretanto, produzir mais, com mais ampla facilidade, afim de attender ás necessidades dos mercados internos e dos nossos aliados. E' um dever contribuir, na actual situação do mundo, para o abastecimento das nações que lutam contra o pan-germanismo invasor, que pretende avassalar a Europa e cobrir, mesmo, extender seu dominio á America do Sul.

A guerra exige a mobilização de todas as forças do país. Aproveitemos esse estado de exaltação benéfica. Mas não tratemos somente da produção sufficiente para a necessidade de occasião. Tratemos de facilitar o escoamento de productos, para tornar definitiva a extensão da polycultura por todo o país, criando novas correntes commerciaes de exportação.

Para garantir o saldo indispensavel ao nosso balanço mercantil, não devemos esquecer o problema da navegação. A guerra tem proporcionado neste sentido progressos e benefícios reais e ao mesmo tempo tem indicado a directriz que não devemos mais abandonar. Não podemos pensar no monopólio natural do nosso proprio commercio marítimo, mas devemos cuidar a

sério da obtenção de uma frota que permita suavizar o que em geral pagamos de frete e que corresponde para a definitiva riqueza do país, a um novo imposto de exportação, que pesa sobre a nossa fortuna nacional.

As exigencias da guerra vão desviar de sua função commercial muitos navios que tomamos aos Allemaes. Mas, mesmo com essas circumstancias imperiosas, poderemos continuar na directriz que já foi tão magnificamente traçada e que vai sendo perfeitamente executada. Devemos, porém, pensar também na construção naval, nos estaleiros. Assim, em pouco tempo, poderemos ter uma nova e formidavel fonte de ouro. Os navios serão disputados a peso de ouro ainda muitos annos após a conclusão da paz.

As madeiras serão também muito valorizadas. Mas não é possível vender madeiras sem systema, porque isso ameaçaria a fortuna pública, desflorestando o país. E' assumpto que também merece estudo especial.

No meio de taes inconvenientes inevitaveis e gloriosos, as guerras têm a vantagem salutar de fazer compreender os interesses supremos do país, dando sempre supremacia ás causas nacionaes e ao bem commum da collectividade.

Podemos aproveitar das circumstancias para apressar o nosso desenvolvimento natural.

Os países novos da America e da Oceania, antes da guerra, já estavam mais ou menos sendo administrados como grandes empresas commerciaes. A opinião zelava pela produção e tratava a sério do equilibrio economico. A guerra, inaugurando um novo mercantilismo, criou e exagerou na Europa preocupações identicas.

No Brasil as cogitações dessa ordem já interessavam os dirigentes, os intellectuaes, as grandes associações das classes conservadoras, como a Associação Commercial, a Federação das Associações Commerciaes do Brasil, o Centro Industrial, a Liga de Commercio, a Sociedade Nacional de Agricultura, etc. A guerra pôde dar um aspecto ainda mais systemático e efficiente a essa propaganda e a essa acção.

Os administradores de uma empresa calculam pelas responsabilidades que assumiram a receita que lhes é indispensavel. Os países modernos, conscientes de sua acção, dirigem-se num campo muito mais amplo e complexo, com igual criterio. A guerra obrigou as potencias europeas a uma especie de mercantilismo e os países novos precisam, por isso, mais do que ha quatro annos atrás, conhecer o estimular com consciencia a sua produção e o seu commercio. Quem estuda as responsabilidades do Brasil, país devedor, comprehende que, além da criação da riqueza para o seu proprio progresso interno, precisamos de saldos para regularizar o pagamento dos serviços externos sem desequilibrio economico.

A directriz dessa politica foi definida pelo Sr. Antonio Carlos, Ministro da Fazenda, no

magnifico discurso que pronunciou na Sociedade Nacional de Agricultura: «produzir barato e muito bom, para alargar o consumo e exportar indefinidamente.»

Em Outubro de 1917 a relação entre a reserva metálica e a circulação de notas era a seguinte:

	Ouro	Notas
22ª — A PROHIBIÇÃO DA EXPORTAÇÃO DO OURO		
Francia	212.908.000	364.318.000
Hollanda	56.326.000	68.025.000
Suecia	11.637.000	26.375.000
Noruega	6.754.000	17.121.000
Espanha	77.075.000	108.495.000
Suissa	3.955.000	43.431.000
Italia	1.809.000	190.191.000
Dinamarca	10.584.000	16.831.000
Russia	29.200.000	1.539.752.000
Allemanha	30.207.000	518.207.000

A relação entre o ouro e a circulação baixou para 20,2.

O Banco da Inglaterra tinha em fins de 1913 uma reserva de ouro de 34.983.000 libras e uma circulação de notas de 39.607.000. Em Outubro de 1917 o stock de ouro era de libras 56.035.000 e as notas em circulação eram no valor de 41.639.000.

As notas divisionarias emitidas pelo Theouso inglés montavam em fins de 1914 a 38.478.000 para uma reserva de ouro de libras 18.500.000 libras; em Outubro de 1917, para uma reserva de ouro de 23.500.000, a Thesouraria já emitira libras 134.137.000. Reunindo esse movimento ao do Banco da Inglaterra temos um stock de ouro de libras 84.535.000 para uma circulação de 225.326.000. A relação do ouro está, portanto, em 37,6.

A Allemanha, para uma reserva de ouro de 120.207.000 libras, tem uma circulação de 808.535.000, sendo 518.335.000 de notas do Reichsbank, 17.400.000 de notas do Thesouro e 272.800.000 de notas dos empréstimos. A relação na Allemanha é, portanto, de 14,9.

Em 1913, para os 11 bancos nacionaes mencionados acima, havia uma reserva de ouro de 499.178.000 libras para uma circulação de notas de 771.489.000 (com uma relação de 64,7). Em Outubro de 1917, para uma reserva total de 786.440.000, havia uma circulação de libras 3.441.517.000, com uma relação de 21,8. Incluindo notas de Thesouraria teremos uma circulação de 3.838.904.000 contra uma reserva metálica de 784.940.000, com uma relação de 19,8.

O total das emissões bancarias e dos Estados na Europa, era em Outubro de 4.802.804.000 libras, acrescentando ao total dos onze países já especificados mais os seguintes: Austria, 650.000.000 de libras de papel-moeda; Belgica, 51.800.000; Grecia, 22.500.000 libras; Servia, 16.200.000; Portugal, 30.800.000; Turquia, 77.900.000; Bulgaria, 9.900.000; Rumania, 58.700.000.

Segundo «The Statist», o New York Bank, em Nova York, tinha em Agosto de 1914 uma reserva total de ouro de 89.838.000 libras, para uma circulação de 3.316.000. Em 1 de De-

	Ouro	Notas
Francia	110.696.000	231.542.000
Hollanda	12.834.000	26.058.000
Suecia	5.672.000	12.190.000
Noruega	2.682.000	6.933.000
Espanha	19.169.000	76.971.000
Suissa	6.798.000	10.553.000
Italia	48.596.000	70.577.000
Dinamarca	4.200.000	6.166.000
Russia	151.468.000	171.020.000
Allemanha	72.840.000	129.672.000

A proporção geral média era de 22,5.

zembro de 1917 a reserva total era de libras 138.672.000 para uma circulação de 6.638.000.

Os Bancos de Reservas Federais dos Estados Unidos tinham em 9 de Novembro de 1917 uma reserva total de 125.550.000 libras para uma circulação de 186.502.000, com uma proporção, portanto, de 87,39 %.

A 20 de Outubro de 1915 o Banco do Japão, para um encaxe de ouro de 21.158.000 libras, tinha uma circulação de notas no valor de 30.883.000.

A 30 de Outubro de 1917, para uma circulação de notas no valor de 61.071.000 libras, o encaxe de ouro do mesmo Banco era de 62.131.000 libras.

Segundo o ultimo boletim do Departamento do Tesouro do Governo norte-americano, datado de 1 de Novembro, a circulação teve um augmento no valor de 104.381.844 dollars, durante o mez de Outubro, em todas as diversas formas e moeda que circulam no pais. O augmento de Novembro de 1916 a Novembro de 1917 foi de 688.786.159 dollars.

O stock geral do dinheiro nos Estados Unidos era então de dollars 5.768.711.575, dos quaes 3.041.549.041 representavam ouro amoeado ou em barra, dollars 568.269.513 fortes, 209.864.245 moeda subsidiaria de prata. Constituem o resto notas dos Estados Unidos, da Reserva Federal, dos Bancos Federaes de Reserva e do Banco Nacional.

No anno anterior o stock era de dollars 4.780.278.487, tendo havido augmento principalmente nas reservas de ouro e nas notas da Reserva Federal.

Em Novembro, a Theosouria da União guardava 197.638.851 dollars em ouro e, em prata, 25.998.789.

Os Bancos Federaes de Reserva e as suas agencias tinham em seu poder 601.717.840 dollars, dos quaes 280.880.840 consistiam em certificados de ouro.

A circulação nas mãos do publico, sem incluir as reservas do Estado e as reservas inamovíveis dos Bancos, era de 4.924.928.849 dollars, assim distribuida:

Dollars	
Ouro (inclusive barras não incluídas nas reservas).....	1.021.616.341
Certificados ouro.....	1.220.881.609
Dollars fortes.....	75.940.257
Certificados prata.....	476.449.471
Moeda subsidiaria de prata.....	207.884.124
Notas dos Estados Unidos.....	339.974.034
Notas das Reservas Federaes.....	865.745.710
Bilhetes dos Bancos Federaes de Reserva.....	12.911.103
Bilhetes dos Bancos Nacionaes.....	701.605.505

Comparando com o anno anterior, o dinheiro em circulação augmentou de 688.786.159 dollars; no mez de Outubro augmentou de

104.000.000. Em relação a 1879, o augmento foi de 4.108.000.000.

A população dos Estados Unidos e possessões maritimas é calculada em 104.719.000 habitantes. Assim, a proporção do numerario de todas as especies é de dollars 47,03 per capita contra 41,18 no anno anterior, e de 16,90 ha trinta e oito annos.

O Governo Federal já lançou em publico, tanto em forma de titulos a longo prazo, como em certificados do Tesouro a curto prazo, a somma de 9.000.000.000 dollars.

O Brasil, finalmente, em 1917, resolveu intervir na defesa de seu suro. A 16 de Janeiro de 1918 o Sr. Ministro da Fazenda assignou com a Comp. "Las São João d'El Rey Gold Mining Morro Velho & The Ouro Preto Gold Mining (Fazagem) o contrato pelo qual o governo adquirirá toda a produção de ouro das duas principais empresas de extracção aurifera do Brasil.

Esse contrato decorreu do acto pelo qual o Governo prohibio a exportação do ouro e de metaes preciosos, medida que foi das primeiras que o Sr. Antonio Carlos tomou ao assumir a pasta da Fazenda.

Foi uma providencia necessaria e utilissima. E se tivesse sido tomada ha mais tempo, já nos teria proporcionado a accumulacão de um encaxe metallico consideravel — mesmo se fosse posta em pratica logo depois da guerra e das providencias identicas dos outros paizes.

O Sr. Antonio Carlos, que val dando ao Ministerio da Fazenda orientação tão util e segura, não quiz demorar mais essa providencia que é indispensavel em momentos anormaes como o que atravessamos e que para nós outros representa ao demais a garantia do saneamento do nosso meio circulante.

Logo que a guerra rebentou, os paizes beligerantes decretaram a prohibição da exportação do ouro pelos particulares. Os principais paizes neutros da Europa tomaram precauções semelhantes.

Os Estados Unidos acabam de promulgar medida identica e o Japão restringio ainda mais no correr do anno as excepções quanto ás exportações de metaes preciosos.

Uma lei argentina limitou e regularizou o movimento para o exterior dos metaes preciosos, amoeados ou não.

O Brasil, paiz productor de ouro, não poderia ficar alheio a esse conjunto de providencias que cada governo foi tomando na defesa de suas reservas metallicas e da valorização de sua circulação fiduciaria.

Os paizes em guerra, para não exportar ouro, pagam em prata, quando o movimento cambial é deficiente, as suas tropas expedicionarias em territorios estrangeiros.

Assim, por toda a parte, os Estados procuram assegurar as suas reservas metallicas, como garantia do futuro, como equilibrio cambial e como meio de saneamento do papel-moeda em circulação.

A exportação total de ouro nativo, no anno passado, foi de 4.368.770 grammas. Em 1914, essa exportação foi de 4.377.893, em 1915 de 4.564.623 e em 1916 de 4.050.824

O valor em papel dessa exportação foi nos ultimos quatro annos o seguinte:

1914.....	7.211.916\$000
1915.....	9.562.879\$000
1916.....	9.542.372\$000
1917.....	8.928.816\$000

Todo o ouro exportado sahio pelo porto do Rio de Janeiro. Até 1917 toda a exportação se destinou a Grã-Bretanha. Em 1917 parte foi remetida para a Inglaterra, parte para o Estados Unidos.

Assim foram para a Grã-Bretanha 2.100.873 grammas no valor de 4.45.753\$, papel, e para os Estados Unidos 2.267.897 grammas no valor de 4.482.063\$000.

O ouro remetido para os Estados Unidos tem por destino final o Canada, onde foi sendo depositado como fundo de reserva.

O movimento de exportação por mezes foi no anno passado o seguinte:

	Grammas mil réis, papel	Valor
Janerio.....	502.381	1.091.200\$000
Fevereiro.....	206.648	455.048\$000
Março.....	359.563	796.432\$000
Abril.....	321.421	706.813\$000
Mai.....	497.639	981.841\$000
Junho.....	83.281	87.704\$000
Julho.....	783.374	1.589.303\$000
Agosto.....	331.363	666.702\$000
Setembro.....	364.155	743.240\$000
Outubro.....	383.848	731.052\$000
Novembro.....	—	—
Dezembro.....	600.604	1.147.754\$000

O Governo prohibio a exportação de todos os metaes preciosos, embora apenas tivesse adquirido a produção integral do ouro. Parece, portanto, interessante resumir tambem os dados da Repartição de Estatistica Commercial a respeito da exportação de prata nativa.

A exportação total da prata nativa foi no anno passado de 562.048 grammas no valor de 47.689\$, papel. Em 1914, o total da exportação foi de 2.385.24 grammas no valor de 126.591\$, papel; em 1915 de 728.456 grammas no valor de 44.792\$, papel, e em 1916 de 879.058 grammas no valor de 47.770\$000.

Assim, a exportação de ouro subiu até 1916 e depois se manteve estacionaria e a da prata accoustumou-se a decrescimento.

A prata exportada sahio todo do porto do Rio de Janeiro e no anno passado parte seguio para os Estados Unidos (289.421 mil para o Canada) e parte para a Grã-Bretanha. Para os Estados Unidos foram 228.892 grammas no valor de 477.689\$, papel, e para a Inglaterra 288.196 grammas no valor de 126.000\$000.

Essa exportação é, porém, a que as alfândegas registram. Póde-se avaliar a produção annua de ouro em certa de 15.000.000\$000.

Assim, só a produção brasileira sairá margem par que possamos ter em pouco tempo o encaxe de ouro necessario par sanear, valorizar e estabilisar a nossa moeda fiduciaria e o cambio.

O fundo de resgate e de garantia ha mais de dez annos deixou de ter existencia real. Aparecia sómente no Jogo da escripturação. Era um aparelho ficticio. Andou muito bem o Sr. Ministro da Fazenda pedindo e obtendo do Congresso a suspensão de suas operações, que o organamento vigente autorizou e fixou.

A base de um verdadeiro fundo de resgate e de garantia só póde ser o ouro de verdade. E' o que todos os povos experimentados e sabidos tem feito e é o unico caminho pelo qual os paizes de riqueza nascente engrandecem e tornam estavel essa riqueza.

O Sr. Antonio Carlos, pelo contracto que ultimou com as principais companhias que extrahem ouro no Brasil, vai adquirir o metal-padrão em barras e em barras o vai guardar no Tesouro Nacional, como encaxe e fundo de garantia. Assim ficará ainda mais clara e segura a intenção do Governo, de não se desfazer dessa reserva preciosa e previdente.

O saldo do movimento do antigo fundo de resgate e garantia, em poder do Banco do Brasil, servio para as aquisições de 1917 e assim já estará o pais em fins de 1918 de posse de valores reaes que já representarão uma somma relativamente consideravel.

A experiencia dos outros povos está mostrando ao Brasil o caminho a seguir. No fim da guerra, todos os paizes tratam de assegurar as suas reservas metallicas. Para garantir o cambio e evitar o transporte de numerario, beligerantes e neutros lançam emprestimos, uns das praças dos outros, assignam convenios, adquirem materias primas e viveres em troca de titulos, estabelecem *modus vivendi* para inutilizar qualquer remessa de ouro.

O Brasil graças ao fino tacto do Sr. Ministro da Fazenda, obteve no convenio com a França uma porção de garantias nesse sentido.

Todo o esforço seria, porém, vão se não procurassemos impedir a exportação do ouro, que é aliás extrahido do nosso proprio sub-sole.

A prohibição da exportação de metaes preciosos vai fixar no pais valores que, convertidos em capitães, irão mais tarde fecundar e desenvolver o trabalho nacional.

Mas a aquisição directa pelo Estado de toda a produção do ouro terá, porém, importância especial. Será, como já accentuamos, a zominação do verdadeiro fundo de resgate e de garantia, desse fundo que até agora, através das multiplicas evoluções da nossa politica financeira, não passou da miragem dos emprestimos ou das illúões de escripturação.

Os Srs. Wenceslao Braz e Antonio Carlos, aproveitando das circunstancias especiais do

momento, tiveram a feliz iniciativa de constituir de verdade o fundo de reserva metálica, sem o qual não ha organismo financeiro equilibrado e sem o qual não ha circulação valorizada e es tavel.

23º — O CONVENIO COM A FRANÇA

A 5 de Dezembro foi publicada a exposição de motivos pela qual o Sr. Antonio Carlos, Mi nistro da Fazenda, submetteu á approvação do Sr. Presidente da Republica o convenio com a França, que foi promulgado por decreto de 6 de Dezembro.

Assim, não só grande parte dos navios uti lizados não poderia ser immediatamente apro veyada, como a maior parte delles possui ar queação superior á que comporta o serviço de navegação entre os diversos portos do Brasil. Para crear novas linhas de navegação trans atlantica precisaria o Lloyd de sacrificios enor mes, que talvez não fossem recompensados, por que a capacidade dos navios poderia exceder ao nosso intercambio interno. Ora, diante dessas circumstancias, não cabia ao Governo recusar as propostas que a França e os Estados Unidos fizeram para utilizar parte dos navios que con fectam aos Allemaes como justa retribuição de seus desatios e desmandos. Os Estados Unidos desinteressaram-se da questão em favor da França e assim a utilização dos referidos navios pela grande Republica Indiana foi uma solução que se impoz, porque satisfaz ao mesmo tempo a uma porção de interesses de ordem pratica e de deveres de ordem moral e politica.

Cedendo trinta dos navios que foram alle maes, ficamos com os indispensaveis e obtemos, assim, sem prejuizo da nossa navegação de cabotagem e com vantagem para a navegação transatlantica, sommas que fornecerão ao The souro amplos recursos financeiros, e serão factor de equilibrio e alta do cambio. Ao mesmo tempo tivemos a garantia da aquisição de dous mi lhões de saccos de café e de cereaes e outros productos ma importancia de cem milhões de francos.

Realizando essa operação, prestamos tam bem um apoio decisivo aos nossos aliados, porque vemos navios nesta época em que o Sr. Lloyd George declara que tres cousas são necessarias para vencer — navios, navios e mais navios. Assim a utilização dos navios pela França tem tambem grande alcance politico; é um acto de solidariedade e confiança neste momento de provações e assim accentuamos o apreço que o Brasil, como o mundo inteiro, tem pela nobre nação que das grandes potencias foi a que mais sacrificios teve de fazer para não recuar na luta pelo direito e pela liberdade do genero humano.

Mas o Governo não perdeu tambem de vista os nossos grandes interesses economicos.

O convenio assinado entre a França e o Brasil estabelece clausulas de equivalente e reciproca utilidade.

O que caracteriza esse convenio e o torna singular e valioso é justamente a parte em que a troca de favores não attinge sómente o Go verno, mas vai até ao proprio país. E' commum, em toda a parte, em negocios dessa natureza, acasaelar á autoridade os interesses do Thesou ro e esquecer a economia nacional. O nosso Governo innovou com felicidade, reconhecendo que os poderes publicos são meros mandatarios e que o que lhes convem e o que mais lhes apro veita é e deve ser sempre a prosperidade da collectividade que representam. Assim as nego ciacoes foram sem duvida para um campo novo e fecundo e o que ficou assentado é uma permuta de garantias e concessões de grandes vantagens para ambas as partes e que, por seus largos intuitos, se differenciará para melhor dos con tratos dessa especie.

O Sr. Ministro da Fazenda não tratou só mente de obter fundos que facilitassem a sua missão de responsável pelas finanças federaes e enchessem as arcas do Thesouro. S. Ex. não se contentou com a compensação offerecida pela utilização da praça dos trinta navios cedidos, por maior que ella fosse; foi além; quiz com muita razão e alta visão das cousas que o país, as classes produtoras, a collectividade tam ben beneficiasse da cessão das 245.000 tonela das aos nossos bons amigos da França.

Assim o convenio offerece vantagens de ordem politica, financeira e economica.

O acto politico que representa é o do nosso auxilio directo e valioso aos Allemaes; é, por tanto, a prova mais decisiva da nossa solidarie dade á causa dos povos que lutam pela eman cipação do genero humano.

O conjunto da operação tem assim impor tancia politica sob um ponto de vista geral, como a cessão em si mesma a tem sob um ponto de vista particular. Ao demais, é significativa a conservação do nosso pavilhão nos navios uti lizados pela França como é de valor a clausula que garante a conservação das tripulações bra sileiras. Os ideos e os deveres politicos do Bra sil foram assim attendidos, não só por esse aspecto particular da operação, como pelo con junto do convenio, pois que todas as suas clausulas tem no momento actual grande alcance politico.

O Sr. Ministro da Fazenda não se limitou, porém, á compensação financeira e á significa ção politica do acto. Os 110 milhões de francos que a França vai pôr á disposição do Governo Federal aliviarão o Thesouro, garantirão du rante algum tempo todos os serviços de paga mentos no exterior. Ora, ninguém pôdo deixar de reconhecer a importancia financeira e eco nomica dessa disponibilidade de fundos de que o Governo vai usar. O nosso commercio inter nacional vem dando ultimamente saldos entre a exportação e a importação. Mas é, como se sabe, um saldo ficticio, porque as nossas des pezas no exterior excedem ao seu valor. Agora, dispondo de tão largos recursos no estrangeiro,

deixaremos de enviar fundos e isso fará com que o saldo do commercio exterior fique no país e que o proprio producto dos impostos não se tenha de transformar em valores exportaveis. Desse modo, a operação, alliviando o Thesouro, desafogará o país e elevará gradativamente a taxa cambial.

Mas como já tivemos occasião de accentuar, o Sr. Ministro da Fazenda compre henheu que a verdadeira missão dos go vernos não é tratar sómente das finanças pu blicas, mas da economia nacional. De resto, as finanças publicas dependem da prosperidade economica. Sem prosperidade economica não ha finanças estaveis e não ha prodigios financeiros que resistam ao depauperamento da economia do país. Assim o convenio attendeu aos inter esses economicos e o Sr. Ministro preferiu, á uma quota maior de compensação directa ao Governo, largas garantias á nossa produção e ao nosso commercio. Não se aproveitaram os navios sómente para uma demonstração politica, um auxilio internacional, e sim para activar o revigoreamento economico do Brasil. O Go verno pensou tambem nos que trabalham e produzem e que vão receber directamente o influxo benefico das aquisições estabelecidas pelo convenio.

A navegação ficou assegurada. A cabotagem não soffreu nenhum prejuizo, porque os navios cedidos são de tonelagem que se presta aos serviços entre os portos brasileiros e o Lloyd e outras companhias nacionaes vão continuar a desenvolver mais as suas linhas. Além disso, os transatlanticos utilizados pela França com eçarão a tocar na Bahia e em Pernambuco.

A navegação de longo curso vai receber um novo grande impulso. O Governo Francez com promettede-se a realizar até 31 de Março de 1919 nunca menos de 40 viagens de ida e 35 de volta entre o Brasil e a Europa. O Lloyd con tinuará a dispor de 16 transatlanticos. O Lloyd Hollandez, a Royal Mail, o Lloyd Nacional metem as suas linhas e a Chargeurs Reunis e a Sud Atlantique ficarão pelo convenio obriga das a conservar as viagens actuaes.

Assim, a questão de transporte não foi es quecida; foi, ao contrario, resolvida. Turemos maior numero de viagens para a Europa, e o Sr. Ministro da Fazenda tratou com especial attenção dessa parte da operação, tendo em vista assegurar a regularidade do nosso com mercial internacional.

A importação é, no Brasil, uma função da exportação; tanto mais lucro se tem na expor tação, mais se importa. O Governo federal, cul dando de garantir o escoamento dos nossos pro ductos, não poderia olvidar, como não olvidou, o valor economico da importação tanto mais quanto é deita que tira a União a maior parte de sua renda. Do augmento da exportação re sultará o augmento da importação — tanto mais quanto, pela regularidade e desafogo dos nossos pagamentos no exterior, o saldo da balança

mercantil tenderá a se converter num beneficio real para o país.

O convenio attendeu, portanto, a questões politicas, economicas e fiscaes. As questões fis caes se prendem ás questões economicas e dellas dependem. O Sr. Antonio Carlos não obteve sómente, como já vimos, a compensação finan ceira da cessão á França da praça dos trinta navios do convenio; conseguiu grandes garantias de ordem economica. Por isso, o Governo fran cez assegura a aquisição de dous milhões de saccos de café e outros productos na impor tação de cem milhões de francos. E' de evi dente importancia esse compromisso.

O café passa por uma crise, merec em par te da deficiencia de transporte, do retar damento e desaparelhamento de alguns mercados e em parte da especulação de alguns intermedia rios. A França, adquirindo dous milhões de sac cas, removerá a crise da cotação e os preços tenderão para a alta e assim a economia nacio nal se resgatará desse beneficio e sobrarão dis ponibilidades para o alargamento e intensificação de outras culturas.

A área semeada de cereaes vai-se exten dendo em varias regiões do país. Os poderes pu blicos e as associações fomentam esse trabalho de renovação e de criação de riqueza, que irá baratear a vida no interior e augmentar as pos sibilidades de exportação. Produzimos exportar cada vez mais, não só como interesse nacional como tambem por um dever de solidariedade para com os nossos aliados da Europa. O nosso homem do interior, sem aparelhamento tecnico e de credito, não tem recursos, porém, para uma grande intensificação de cultura, nem a esperan ça do escoamento de seus productos. Só a cer teza da venda immediata ahiha o nosso agri cultor. Os governos estaduais e os diversos com ités vão prometendo preço minimo, mas essa promessa perderia sua propria razão de ser, se não tivess uma base para a sua affirmação. O convenio offerece essa base. Assim a sua clausula referente á compra pela França de 100 milhões de francos de productos brasileiros funcionará como um premio á nossa cultura de cereaes.

O Governo francez collocará na Europa á disposição do Governo brasileiro as sommas es tipuladas no contrato, e no Brasil os poderes pu blicos se encarregarão das compras, servindo como intermediario o Banco do Brasil. A actual direcção do Banco será a melhor garantia do rigor e regularidade dessas transações, através das quaes não poderão penetrar os especulato res.

Por esse conjunto de circumstancias, o con venio, cuja negociação foi com tanta felicidade concluida pelo Sr. Ministro da Fazenda, abra nge vastos interesses e será de beneficio importan cial na vida financeira do país e na economia nacional.

24.º A INTENSIFICAÇÃO DA PRODUÇÃO —
O APPELLO DO PRESIDENTE E A RES-
POSTA DO PAIZ

As circunstâncias especiais do mundo exigiram por toda a parte providencias extraordinarias. As correntes commerciaes perdem, em muitos casos, o seu rumo tradicional: novas possibilidades apparecem e a situação geral em todos os paizes apresenta condições tão peculiares e no meio de tão grandes embarcações deixa tão vasta perspectiva, que os Governos não podem ficar inactivos e todos estão procurando intensificar a produção para alimentar ou aproveitar da guerra.

O Brasil até os melados do anno soffreu as boas e más consequências da conflagração sem ter tentado nenhum processo de organização. Declarada a guerra, a orientação geral mudou e o Governo resolveu cuidar a sério do augmento da produção. Até então só se auxiliára a defesa do café, que aliás foi uma obra de grande importância para a economia nacional. O Sr. Presidente da Republica não fez somente um appello ao paiz; de accordo com os seus ministros, tratou de fomentar a produção nacional, afim de que pudessemos cumprir, do modo mais eficiente possível o nosso dever de colaboradores na grande guerra ao Imperialemo russo.

O Comité da Produção Nacional, nomeado pelo Sr. Presidente da Republica, estudou e definiu questões e alvitres e dirigio aos poderes publicos uma lista de providencias que lhe pareceram adequadas ao grande fim que todos procuram. A uniformização dos fretes, a armazenagem e a immunização dos cereaes, a garantia dos preços mínimos, a expansão do credito — foram medidas que o Comité suggerio e que serão de facto de proveito immediato. Convém, porém, não esquecer a necessidade de crear novas vias e novos processos de transporte, porque os actuaes, além de insufficientes, têm soffrido em consequencia da carestia e falta de combustível.

A uniformização dos fretes corrijeria as difficuldades creadas pela propria extensão do paiz e a immunização dos cereaes seria uma garantia para compensar tambem a lentidão e a extensão das viagens e a ausencia de transporte. Paiz novo e deveor, todo o nosso fomento de produção deve, porém, ser encaminhado sob um ponto de vista liberal e amplo. Nada de limitações e estorvos. E' de liberdade e fomento que precisamos.

Os outros povos, que estão tomando providencias extraordinarias, agem de accordo com as condições especiais do meio. Assim, na Europa, a limitação da exportação e da importação tem razão de ser, mas no Brasil seria uma limitação sem base e sem comprehensão.

Na Europa, a restrição da importação não teve por fim somente o equilibrio do cambio. Os Governos europeus, limitando a importação, prohibindo mesmo a entrada de muitos objectos

de luxo, tiveram em mira aproveitar do melhor modo possível a praça dos seus navios. A guerra creou novas correntes commerciaes e as suas necessidades absorventes, exigem o transporte de enorme material bellico e de subsistencia com destino especial. Além disso, pelas pendas e pelas requisições, a tonelagem disponível diminuiu.

Os Governos então intervieram e procuram limitar a importação de artigos de luxo, porque precisam impedir que tomem nos navios o lugar das utilidades de applicação essencial na guerra. Daí a restrição da importação, na qual a questão do cambio é subsidiaria.

No Brasil não ha nada de semelhante. A nossa importação augmentou em relação aos annos de depressão consequente da grande guerra, mas está ainda muito abaixo do nivel normal anterior a 1914. Qualquer difficuldade nesse commercio só seria prejudicial. Os navios de longo curso não teriam lucro em vir ao Brasil, se só pudessem contar com o frete da nossa exportação. E' a somma do que recebem na ida e na volta que dá vantagem ao seu commercio. De modo que a restrição da importação iria entre nós reflectir na exportação, porque esta ficaria ainda mais desprovida de praças em consequencia da diminuição do numero de viagens.

Na Europa, como já dissemos, o caso é diverso. A prohibição dos artigos de luxo e outros tem por fim, não supprimir a importação, mas impedir que objectos não indispensaveis neste momento excepcional não deixem tonelagem sufficiente para o transporte do que é essencial na guerra.

A restrição e prohibição da exportação de outros artigos têm na Europa e nos Estados Unidos um fim especial. Visam obstar que, atraídos pela alta dos preços, saiam artigos necessarios á alimentação do povo e dos Aliados. Essas medidas são postas sob o ponto de vista dos paizes em que foram applicadas, porque servem a regiões já completamente trabalhadas e que não podem produzir mais do que o de costume e que ao demais, em muitos casos, estão fartaemente deprimidas em consequencia da guerra.

No Brasil, a situação é diversa. A nossa produção só estaciona quando o preço não é remunerador. Garantido o preço que pague as despesas da produção e de margem a lucro, facilitado o transporte, a área semeada augmentará. Ha, de facto, deficiencia de organização, deficiencia que fará com que muitas zonas do paiz não possam tirar vantagem dessa propria garantia de preço: falta de transporte e de credito, appaello commercial. Mas assim mesmo a alta de preços provocada pela exportação funciona como um premio á produção — como fomos verificados nos ultimos dois annos para determinadas classes de artigos que vamos explorando pela primeira vez.

Assim, para obter a abundancia que occorrelone baixa relativa nos preços e permita a colaboração economica com os nossos aliados, não

precisamos limitar a exportação como não orecemos restringir arbitrariamente a importação para conseguir saldo favoravel no intercambio externo; necessitamos justamente de estimular a produção pela garantia do preço e do escoamento, pelo augmento das transacções commerciaes — tão necessarios para estabilidade e desenvolvimento da renda da União e dos Estados e para regularidade dos nossos pagamentos de paiz devedor.

As palavras pronunciadas pelo Sr. Pereira Lima, na sua visita de despedida aos seus collegas de directoria da Associação Commercial, foram perfeitamente justas e sensatas; o novo Ministro da Agricultura soube, em fórmulas simples e felizes, definir o problema, mostrando como não cabiam no Brasil as medidas de excepção e prohibição que vão decretando na Europa e nos Estados Unidos com um fim que não teria a menor razão de ser no nosso paiz. O discurso do Sr. Pereira Lima na Associação Commercial, como o do Sr. Antonio Carlos na Sociedade Nacional de Agricultura, revela a salutar orientação do Governo no sentido de desenvolver indefinidamente a capacidade de produção do paiz, sem pensar em limitações que seriam incoerentes e prejudiciaes.

O premio que representa o preço remunerador não se tornará, porém, estavel se não tivermos o appaello de credito sufficiente para amparar o lavrador. Na Argentina, o Banco de la Nacion está emprestando aos agricultores. Mas é preciso não esquecer que o Banco de la Nacion tem perto de 200 agencias espalhadas pelas Provincias argentinas e que, apesar disso, o Governo de Buenos Aires cogita, com a fundação do Banco de la Republica, dar outra elasticidade á sua organização bancaria.

Todo o problema do fomento da agricultura repousa no problema do credito. O credito agricola depende, entretanto, do credito geral e assim só a ampliação dos serviços do nosso principal banco, orgão nacional de propulsão e equilibrio economico, pôde garantir, de um modo permanente, o desenvolvimento indefinido da produção.

Não é possível, porém, tratar do credito sem facilitar a viagem.

De facto, as tarifas elevadas das estradas de ferro, a impossibilidade de outro meio de condução, a falta de disponibilidades nos proprios trens que cobram tão caro — e, assim, bem precaria em muitas zonas do paiz — a intensificação dos campos que o Governo com intuitos tão louvaveis procura provocar e amparar.

O problema é de facto complexo. As empresas de transporte lutam tambem com difficuldades novas. Mas o uso da linha não opera, ao contrario, alluvia as despesas das estradas de ferro. De modo que estudando com calma e vontade de acertar, ainda será possível chegar a uma fórmula que concilie tanto os interesses da agricultura com os das explorações ferroviarias.

Os agricultores estão attendendo ao patriótico appello do Governo. Em S. Paulo, Minas e Rio de Janeiro, augmentam e se estendem as plantações. A canna, o milho, o feijão, o arroz, as batatas vão sendo cultivados em zonas cada vez mais vastas e em escala cada vez maior.

Toda essa produção precisa de escoamento. De outro modo se tornará inutil e contraproducente. São generos de facil deterioração e que portanto não podem tambem ficar indefinidamente a espera de lugar nos trens que descerem para o littoral.

E' tempo de estudar a sério esse aspecto do problema. O fracasso nos meios de condução esmorecerá e desanimará os agricultores.

Um dos factores da relativamente pequena produção brasileira foi sempre a difficuldade de transporte. A agricultura teve sempre de limitar o seu campo, não a sua capacidade de produção, mas aos recursos de escoamento da sua região.

Os agricultores attendem ao appello do Governo. E' preciso agora que o Governo attenda ao appello dos agricultores.

25.º A SOLUÇÃO BANCARIA

O problema do fomento agricola, pastoril, industrial e commercial repousa sobre o credito.

O credito agricola precisa de um appaello especial. Mas sem o apoio de um regimen bancario não poderá prosperar. Assim todas as medidas de protecção, para se conservarem, necessitarão da renovação de credito que a intervenção do Estado não pôde fornecer indefinidamente. Só a elasticidade do credito dará estabilidade á produção e grandes elementos de expansão ao commercio. O credito agricola precizará do apoio de uma rede bancaria ampla e soada.

A defesa e garantia das safras do café, da horracha, do cacão, da herba-mate, do fumo e intensificação de productos novos carecem de recursos que o credito agricola poderia espalhar, dispensando em muitos casos a intervenção do Estado sempre dispendiosa.

Essa rede só pôde ser estabelecida pelo alargamento dos serviços do Banco do Brasil. Todo o paiz reconhece o que de util vai realizando a actual direcção do Banco, extendendo suas agencias e creando assim pela intercommunicação financeira novos vinculos de unidade nacional.

O Brasil é uma grande patria, com perfeita unidade de caracter, de tradições e aspirações. Mas pela propria grandeza do territorio é preciso que continuamente cuidemos de estreitar os laços da communhão nacional. A rede bancaria, permitindo serviços e valores, communicando zonas diversas, facilitando transacções de um extremo a outro, iniciando e desdobrando interesses reciprocos entre regiões tão distantes, será um elemento activo e permanente de unificação dos sentimentos, da mentalidade e da vida economica, das diferentes circumscrições do paiz.

As agencias do Banco do Brasil prestam assim grandes serviços de ordem economica, social